



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICA (CCJE)
BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO

HENRIQUE DIAS GERALDO

OS APOSENTOS DE D. PEDRO II OU O GABINETE DO DIRETOR?
APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO ADMINISTRATIVO DO MUSEU NACIONAL
COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Rio de Janeiro

2019

Henrique Dias Geraldo

OS APOSENTOS DE D. PEDRO II OU O GABINETE DO DIRETOR?
APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO ADMINISTRATIVO DO MUSEU NACIONAL
COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Biblioteconomia e
Gestão de Unidades de Informação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título
de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Regina Maria Macedo Costa Dantas

Rio de Janeiro
2019

Ficha Catalográfica

D541a Dias, Henrique Geraldo

O Aposento de d. Pedro II ou o Gabinete do diretor? / Henrique Dias Geraldo. --
Rio de Janeiro, 2019.

46 f.: il.

Orientadora: Regina Maria Macedo Costa Dantas

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Memória Coletiva. 2. D. Pedro II. 3. Museu Nacional. 4. Aposento d. Pedro II.
I. Dantas, Regina. II. Título.

XXXX

Henrique Dias Geraldo

OS APOSENTOS DE D. PEDRO II OU O GABINETE DO DIRETOR?
APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO ADMINISTRATIVO DO MUSEU NACIONAL
COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Biblioteconomia e
Gestão de Unidades de Informação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título
de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 2019.

Prof.^a Dr.^a Regina Maria Macedo Costa Dantas – UFRJ

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria José Veloso da Costa Santos – UFRJ Membro

interno

Prof. Dr. Paulo Vinicius Aprígio da Silva – COLÉGIO PEDRO II

Membro externo

A memória age como a lente convergente na câmara escura: reduz todas as dimensões e produz, dessa forma, uma imagem bem mais bela do que o original.

Schopenhauer, Arthur

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me sustentado nessa caminhada que é a graduação, são longos 4 anos nessa caminhada que não foi fácil. Obrigado por conseguir manter minha saúde física e mental, sem esse apoio, certamente não seria possível concluir o curso de biblioteconomia.

Agradeço por todo conforto de minha família, pelas palavras ditas nos momentos de aflição nas orações de minha mãe, Ivani e meu pai, José. Sem a ajuda de vocês, nada disso teria sido possível. Além de meus pais, muitas pessoas contribuíram nessa caminhada, com palavras e gestos de incentivo.

Temo esquecer de alguém, por isso agradeço aos meus irmãos e aos irmãos que tenho no Rio de Janeiro e aproveito para justificar por todas as ausências em confraternizações.

Agradeço à família que me acolheu tão bem em Saquarema e me proporciona muita força e ajuda nos momentos de dificuldade; aos meus antigos patrões que me incentivaram e a eles não existem palavras para agradecer, Lilian e Renato.

A amiga Lucienne, que desde o primeiro período da universidade esteve ao meu lado, compartilhamos do mesmo caminho árduo e de experiências inesquecíveis, agradeço pelo incentivo nesses quatro anos.

Obrigado aos professores por toda troca quase harmônica em sala de aula, por todo conteúdo compartilhado em sala de aula. Em especial, agradeço a minha orientadora da presente monografia, a professora Regina Dantas.

Aos demais amigos que a UFRJ me apresentou saibam que vocês sempre ajudaram para que os dias fossem menos difíceis, com conselhos e muitas risadas; até os momentos de conflito entre alguns era uma forma de boas lembranças.

Aos alunos da disciplina “Fundamentos de Museologia”, pois sem a participação de vocês, nada disso teria acontecido...

No fundo, sentirei saudades do meu “país” - o Fundão!

RESUMO

O presente trabalho consiste na apresentação de um dos aposentos de d. Pedro II identificado dentro do Museu Nacional que, com a proclamação da República, passou a ser utilizado como gabinete da direção da instituição até 2018. O espaço nos remete ao Paço de São Cristóvão, antiga residência real e imperial, atual edificação do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de ser um local não acessível à visitação do público das exposições do Museu, uma exceção foi permitida pela Direção da instituição aos alunos do curso de graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação/CBG da UFRJ, no período 2018.2. Este privilégio, em que os alunos puderam usufruir da visita mediada ao espaço, será exposta contextualizada com fontes bibliográficas e complementada por meio dos registros narrativos e fotográficos dos alunos com intuito de colaborar com os registros sobre o espaço e os objetos deste lugar de memória. Como resultado, os alunos visitantes do espaço descortinaram a representação da sala e avistaram mais o quarto de d. Pedro II do que o gabinete do diretor do Museu Nacional. Espera-se que o presente trabalho consigo descortinar um relevante espaço existente (em algumas lembranças) no prédio do Museu Nacional, patrimônio mundial.

Palavras-chave: Informação. Memória. Museu Nacional. dom Pedro II. Aposento dom Pedro II.

ABSTRACT

The present work consists of the presentation of one of the rooms of d. Pedro II identified within the National Museum, which, with the proclamation of the Republic, began to be used as the office of the administration of the institution until 2018. The space refers us to the Palace of Saint Kitts, former royal and imperial residence, Federal University of Rio de Janeiro. Although it is a place that is not accessible to the public visitation of the Museum exhibitions, an exception was allowed by the Directorate of the institution to the students of the undergraduate course in Librarianship and Management of Information Units / CBG of UFRJ, in the period 2018.2. This privilege, in which the students could enjoy the mediated visit to space, will be exposed contextualized with bibliographic sources and complemented by means of the narrative and photographic records of the students in order to collaborate with the records about the space and objects of this place of memory. As a result, visitors to the space uncovered a representation of the room and sighted more of the Pedro II's room of the office of the director of the National Museum. It is hoped that the present work will reveal a relevant space (in some souvenirs) in the building of the National Museum, a world heritage site.

Keywords: Information. Memory. National Museum. Dom Pedro II. Dom Pedro II's Room.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Palácio Real d verão, Boa Vista, em São Cristóvão, nas proximidades do Rio de Janeiro. Thomas Ender, c.1817.....	21
Figura 2: Améliorations progressives du Palais de St. Christophe: (Quinta de Boa Vista); depois 1808, jusq'en 1831. Paris, França: Firmin Didot Frères, 1839	23
Figura 3: Vista parcial do aposento de d. Pedro II com a ambientação do gabinete da direção do Museu Nacional até o ano de 2001, Parede em detalhes.....	26
Figura 4: Cofre	26
Figura 5 Taça-cofre em prata dourada	27
Figura 6: Toucador encontrado no cofre da direção contendo cinco escovas de Marfim	28
Figura 7: Canhão do meio dia /Relógio de sol	29
Figura 8: Vaso originário de Sèvres/ Vaso arrematado no leilão do Paço	30
Figura 9: Escarradeira de porcelana contendo ao centro três emblemas reproduzindo litografias com imagens de três rainhas de diferentes épocas.....	31
Figura 10:Salva de prata com inscrição “PII”.....	32
Figura 11: Vitrais d. Thereza Cristina	33
Figura 12: Um dos espelhos que pertenceram ao Paço de São Cristóvão e sofreram alterações para compor a Assembleia Constituinte Republicana	34
Figura 13: Consolo do século XIX e banquetas e Consolo em detalhe	34
Figura 14: Mesa Século XIX	35
Figura 15:Mesa e mesinha de marchetaria (arte muçulmana).....	36
Figura 16: Lustre existente no gabinete do diretor	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA	13
1.2	JUSTIFICATIVA	13
1.3	OBJETIVOS.....	14
1.3.1	Objetivo Geral.....	14
1.3.2	Objetivos Específicos	15
1.4	CBG EM UMA NOITE NO MUSEU - a visita	15
2	BREVE HISTÓRICO SOBRE O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO	21
3	APOSENTO IMPERIAL DE D. PEDRO II E SEUS OBJETOS	25
4	O ESPAÇO COMO GABINETE DO DIRETOR DO MUSEU NACIONAL	38
5	VISITA MEDIADA EM DIFERENTES ASPECTOS DA MEMÓRIA	42
5.1	MEMÓRIA.....	42
5.2	MEMÓRIA COLETIVA.....	43
5.3	LUGAR DE MEMÓRIA.....	43
5.4	FOTOGRAFIA COMO SUPORTE DE MEMÓRIA	44
6	ANÁLISE DOS DADOS	46
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	52

APÊNDICE A – Os alunos passando para a área restrita do museu (escadaria do 3º andar).

APÊNDICE B – Paredes do gabinete do diretor

APÊNDICE C – Detalhe da parede

APÊNDICE D - Mesa de marchetaria (arte muçulmana), Vaso de d. Pedro II em idade avançada

APÊNDICE E - Verso do vaso e detalhes na parede

APÊNDICE F- Vaso sèvres, relógio do meio-dia, relógio de sol sobre o consolo do século

XIX

APÊNDICE G – Cofre da família imperial, único objeto original no espaço APÊNDICE H –

Detalhes da parede e trono libanês

APÊNDICE I- Busto de d. Pedro I APÊNDICE J - Lustre

APÊNDICE K- Vista da janela do 3º andar a caminho do Gabinete do Diretor

APÊNDICE L - Alunos de Biblioteconomia ao adentrar no aposento de d. Pedro II /

(Gabinete do Diretor)

APÊNDICE M- Alunos de Biblioteconomia contemplando o espaço em diferentes ângulos,

Regina Dantas explicando sobre as marcas nas paredes

APÊNDICE N- Questionário

ANEXO 1 - Tabela dos Diretores Museu Nacional

INTRODUÇÃO¹

Ao desenvolver estudos na área de Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, senti-me privilegiado ao conhecer o Museu Nacional, uma das Unidades Acadêmicas da UFRJ. Visando justificar tal privilégio, retrato aqui um pouco da minha origem de forma bem sucinta. Venho de um pequeno Distrito no interior de Minas Gerais (MG), chamado Airões a 223 Km de Belo Horizonte capital mineira. As pessoas que vivem nesse pequeno distrito mesmo que de uma forma involuntária, ou seja, por falta de conhecimento e acessibilidade, jamais tiveram qualquer contato com um museu. Os dois museus mais próximos estão em Juiz de Fora à 154 Km, e o outro em Ouro Preto à 138 Km.

Esse trabalho, como campo empírico, é sobre um espaço que pertence à construção histórica nacional por meio de um objeto: o antigo aposento de d. Pedro II no Paço de São Cristóvão que, após o seu banimento do país em 1889, passou a ser ocupado pela direção da instituição científica que ocupou a edificação - o Museu Nacional.

O curso de Biblioteconomia em sua grade disponibiliza a disciplina “Fundamentos de Museologia” de forma eletiva, sua abordagem envolve discussões relacionando-a aos museus, aos arquivos e às bibliotecas. Conseqüentemente, o desenvolvimento do debate em aula passa por conceitos de colecionismo científico, memória, patrimônios históricos e culturais, além de abordagens sobre a relevância da salvaguarda dos lugares de memória. A disciplina é ministrada pela Professora Regina Maria Macedo Costa Dantas, doutora em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.

Com a apresentação da ementa no primeiro dia, assim como as atividades que vão compor cada encontro, ficamos empolgados com a última atividade, uma aula no Museu Nacional de forma exclusiva, no horário noturno. Todavia a data dessa atividade fica em aberto para que em comum acordo a maioria dos alunos possa decidir e garantir a presença de todos. Destaco que a ida ao Museu é preparada pela professora de forma exclusiva após o

¹ O capítulo 1 será descrito em primeira pessoa para uma melhor compreensão da experiência vivida pelo autor.

encerramento das atividades da disciplina, reservando a penúltima aula como teórica preparatória para a realização da visita mediada. Portanto, em 2018, faltando 17 dias para a visitação, foi ministrada a aula teórica sobre a história de 200 anos do Museu Nacional², apresentando parte do cotidiano da residência e as modificações na estrutura do palácio desde sua compra por D. João VI até o último monarca D. Pedro II.

Assim, foram retratadas as transformações arquitetônicas do Paço de São Cristóvão (residência real e Imperial) por: Manoel da Costa -1817, Jean Baptista Depret -1822, Karl Robert; Barão de Planitz -1835 e G. Leusinger -1861 em 4 imagens, seguindo para a descrições dos cômodos que compunham o Museu Nacional. Neles fomos direcionados a olhar cada detalhe como antiga moradia de reis, imperadores e os vestígios deixados por eles em cada cômodo e fachada.

Eis que destrinchando os cômodos e os ornamentos que compunham o palácio surge a seguinte descrição, 3º pavimento: os aposentos do Imperador (seu aposento) e como um estalo a curiosidade desperta, o que existe hoje nesse espaço?

Diante de minha indagação, a professora Regina então explicou que a administração do Museu passou a ocupar o aposento do imperador. Os aposentos imperiais passaram a compor o Gabinete do diretor da instituição, desde a transferência do Museu Nacional para o Paço de São Cristóvão, em 1892. Para compor a ambientação da sala, a professora explicou em aula que separou algumas peças que figuraram no palácio, objetos que pertenceram à antiga residência, tais como: vasos, mesas, além de outros objetos exclusivos de d. Pedro (canhão do-meio-dia e relógio de sol) e as disponibilizou no Gabinete visando uma ambientação histórica.

Durante a aula preparatória, como a visita estava próxima, fiz um pedido à professora **se seria possível a inserção desse espaço no roteiro**. Ela explicou que o local não estava aberto ao público, pois estava no terceiro andar, mas de forma embaraçada, devido ao ineditismo da solicitação, a professora disse que encaminharia a solicitação ao diretor do Museu Nacional.

No dia da visita, a professora informou que a direção havia autorizado a ida ao Gabinete do diretor. Portanto, com o apoio da Chefe de Gabinete, a historiadora Mariah Martins e o auxílio dos vigilantes daquele dia, foi criado um roteiro para que os alunos pudessem passar

² Em 6 de Junho de 2018 foi comemorado o Bicentenário do Museu Nacional/UFRJ.

pelo interior da instituição e acessar o terceiro andar do palácio, o que será narrado ao final desta introdução.

1.1 PROBLEMA

Diante de um assunto tão interessante, identificou-se algumas questões: um local de cunho administrativo pode conviver com um espaço de referência histórica? Dentre os alunos participantes da visita, por meio dos objetos, qual espaço é mais enaltecido entre os alunos? O aposento de d. Pedro II ou o gabinete do diretor?

1.2 JUSTIFICATIVA

No dicionário português um museu é descrito como um templo dedicado a conservar objetos de interesse duradouro com valor histórico ou artístico, espera-se que sua permanência assim como de seus objetos permaneçam imutáveis:

A História, cujo objeto precípua é observar as mudanças que afetam a sociedade, e que tem por missão propor explicações para elas, não escapa ela à própria mudança. Existe, portanto, uma história da história que carrega o rastro das transformações da sociedade e reflete as grandes oscilações do movimento das idéias (...). (FRANGUAS; MARTINS, 2011, p. 1 apud RÉMOND, 2003, p. 13).

Como a dificuldade na escolha de um tema é realidade de muitos graduandos, após a visita mediada ao Museu Nacional, museu esse que há anos em visitas ao parque da Quinta da Boa Vista o contemplava de longe sem conhecer o interior da edificação, optei por explorar uma de suas salas na visita acadêmica.

Graças a uma disciplina na graduação, pude conhecer a instituição, por meio de uma visita mediada, descritiva e exclusiva. Portanto, diante de tal encantamento, em uma reunião com a mesma professora, que orienta esse trabalho, conversamos sobre possíveis temas para registrar a primeira e última visita mediada para os alunos do CBG³ nas salas das exposições e, de forma inédita, aos aposentos do monarca d. Pedro II - gabinete do diretor.

³ CBG - Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ.

Tema esse que mostrou ser uma esperança sobre o que não se deve deixar cair no esquecimento. Destaca-se que a reunião foi realizada logo depois do Museu Nacional ter sofrido o incêndio no dia 02 de setembro de 2018⁴, assim a ideia da monografia (como TCC1) versaria sobre a última visita dos alunos do CBG aos aposentos de d. Pedro II, dois meses antes do trágico incêndio.

O antigo aposento de d. Pedro II e atual gabinete do diretor do museu, cômodo esse visto por um número muito pequeno de pessoas, comparando com a visitação das exposições, justifica o dever daqueles privilegiados que ali estiveram, de contar sua história e revelar sua existência, mesmo sob fortes recomendações referentes à proibição de registro fotográfico por parte da professora. Eis um paradoxo: o espaço foi fotografado e contém registros que serão apresentados no decorrer do texto, sob a orientação da professora Regina Dantas, a mesma que conseguiu a autorização para a liberação do espaço, a que mais conhece o espaço e que pediu para que as fotos não fossem divulgadas à época.

Agora, todos os esforços estão sendo realizados para que o espaço seja lembrado.

[...] memória, é automática a ideia de que “lembrar” de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator. Nessa perspectiva, temos a noção individual de memória, na medida em que entendemos que é preciso haver uma pessoa que participou do fato, seja como ouvinte ou como ator, que se lembre daquele fato e que possa relatá-lo e guardá-lo.[...] Dessa ideia, surge a afirmação de que é preciso que haja um testemunho para que um fato se perpetue e se torne memória para um grupo.(HALBWACHS, 2006, p. 29 *apud* LEAL, 2012, p.2)

1.3 OBJETIVOS

Trata-se da apresentação dos objetivos do presente trabalho.

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Refletir sobre o Gabinete da direção do Museu Nacional, antigo quarto imperial, enquanto espaço dotado de elementos históricos que o caracterizam como um lugar de memória.

⁴ Em dois de setembro de 2018, um trágico incêndio destruiu cerca de 90% do acervo que constituía as coleções do Museu Nacional/UFRJ.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o aposento imperial de D. Pedro II e seus objetos;
- Apresentar a ressignificação do ambiente como Gabinete do diretor do Museu Nacional;
- Contribuir com a reconstruir do espaço como um esforço de reflexão acadêmica por meio das imagens registradas pelos alunos.

1.4 CBG EM UMA NOITE NO MUSEU - a visita

Ao chegarmos ao Museu Nacional da UFRJ, fomos encaminhados ao Laboratório Central de Conservação e Restauração/LCCR do Museu Nacional/MN, e a responsável, professora Márcia Valéria, apresentou-nos algumas técnicas que estão sendo aplicadas na restauração de itens pertencentes ao acervo do Museu. Além de relatar um pouco sobre as atribuições que por ela são exercidas e apresentar projetos que estão sendo empregados com a parceria dos alunos do colégio Pedro II, o local é bastante interessante, apesar do curto tempo de permanência no laboratório.

Posteriormente, fomos em direção ao Jardim das Princesas (lugar não aberto ao público, diante da depredação do público ao longo do século XX), espaço externo e para a contemplação, por isso torna-se necessário a visitação à luz do dia.

No trajeto, acessamos o interior do Museu com passagem obrigatória por um lindo jardim com uma fonte onde ainda são mantidos alguns peixes. Todavia, a fonte ali empregada também exercia o papel de “ar condicionado natural” que abre uma reflexão no importante papel dela para os moradores que viviam em uma época em que a sociedade era revestida de muitas camadas de roupas, e como a nobreza já estava engajada em facilidades de forma natural que seriam usadas ao seu benefício.

Já no Jardim das Princesas é possível admirar as grandes composições artísticas desempenhadas pelos príncipes e princesas, com três bancos largos e oito pequenos (parecendo troninhos). Sua ornamentação se dá por conchas da Bahia de Guanabara, que na época era acessível aos portões do terreno, complementados por pequenos fragmentos de louça inglesa pertencentes aos moradores da casa. Quebradas talvez de forma acidental, as louças e conchas do mar eram colados em cimento fresco e compunham verdadeiras obras. Destacam-se a composição dos muros e dos tronos com guirlandas em alto-relevo tendo sido utilizada a

técnica italiana do embrechamento.

Direcionados ao interior do Museu Nacional (o antigo Paço de São Cristóvão), deparados com inúmeros itens da coleção nesse começo de visita do acervo em exposição, contemplamos pequenos minerais e um telescópio do século XIX utilizado para estudo do minério. Na sala seguinte, foi possível deslumbrar a coleção de dinossauros e a preguiça gigante descobertos em uma das inúmeras pesquisas realizadas dentro ou fora do país.

Dentre os acervos vistos, destaco o maior meteorito já encontrado em solo brasileiro - o Bendegó, identificado no sertão da Bahia no ano de 1784 e pesando cerca de 5630 KG em exposição permanente no Museu Nacional. Um acervo de grande destaque foi a coleção egípcia, composta pelos sarcófagos e múmias, dentre elas, a Sha-Amun-Em-Su (que figurou no Museu do Imperador d. Pedro II), a do sacerdote Hori, gatos mumificados e tampa do caixão de Harsiense. Outras múmias demonstravam os diferentes processos de mumificação realizados por outras culturas do Brasil e da América Latina.

O Museu Nacional, permitia que qualquer cidadão como eu, vislumbrasse as múmias fora do Egito e ainda as muitas pesquisas e descobertas que foram reunidas ao longo de séculos nos mais diferentes objetos, tais como: inúmeros minerais que são estudados pela Geologia em pesquisas ainda em curso; a preguiça gigante que compõem o enorme acervo da Paleontologia e, na área da Antropologia, o crânio de Luzia remete uma fascinante reflexão de sua importância, a primeira moradora do solo Brasileiro e ainda com tantos segredos a serem revelados.

No âmbito do Museu é possível viajar ainda pelas mais diversas áreas do conhecimento: Antropologia, Arqueologia, Etnologia, Botânica, Entomologia, Invertebrados e Vertebrados. Mas, a visita mediada tem como propósito iluminar as marcas deixadas pela monarquia, então somos guiados rapidamente dentro do acervo que compõe o Museu, todavia são destacadas as peças ali expostas que foram adquiridas pelos moradores da casa e ou por patrocínio deles (além das marcas da monarquia nas paredes), porém, não é possível ignorar cada sessão das salas das exposições.

As salas das exposições, hoje, contam com as fantasias usadas no Carnaval de 2018, pela escola de samba Imperatriz Leopoldinense diretamente relacionadas aos objetos do vasto acervo da instituição, distribuídos em diferentes salas. Fazem parte do protótipo das fantasias idealizadas pelo Carnavalesco Cahê Rodrigues, criadas especificamente como a principal parte das comemorações do Bicentenário do Museu Nacional.

Na sala do trono, onde avistamos as fantasias que representam o monarca D. Pedro I e a imperatriz Leopoldina, é possível admirar o teto e seus adornos que parecem saltar das

paredes criando uma imagem que remete a um filme assistido em 3D, com tantas imagens e formas que chega a ser difícil uma tentativa de descrição de tamanha imponência.

Em seguida, fomos em direção ao oratório da Imperatriz Thereza Christina, um teto azul cor da noite de forma oval com um desenho de ramos no centro que remete ao sol no centro do céu, com pequenas estrelas douradas. No entorno, avistamos pequenas ornamentos dourados contornando a forma oval. Admirar esse teto, e conhecendo seu propósito para a Imperatriz com o seu uso, é possível sentir uma paz interior e grande deslumbramento desse pequeno espaço. Entre os cômodos de uma forma bem singela e carinhosa uma homenagem às duas principais atividades econômicas da época: o café e o tabaco, em um entalhe feito em ferro fundido nos alizares das passagens entre as salas.

Ao chegar ao fim do roteiro de visitação, a professora Regina nos revela uma grande surpresa, o pedido feito para conhecer o quarto privativo do Imperador foi concedido pela direção do Museu, como mencionado no início do texto. Com o apoio da Chefe de Gabinete, a historiadora Mariah Martins e o auxílio dos vigilantes daquela noite, criaram um roteiro para que os alunos pudessem passar para o terceiro andar do palácio.

Assim, utilizamos uma grande escadaria feita de madeira e passamos por salas reservadas às seções administrativas e técnicas do Museu. O lugar era escuro não sendo possível ver quase nada além da luz que era emitida pelas luzes externas do jardim.

Seguimos em direção a uma antessala, local em que a professora pegou uma chave e acendeu as luzes do Aposento de D. Pedro II. O maravilhamento foi total por todos que ali estavam. Avistamos um lustre imponente no centro do teto que revelava a preciosidade das inúmeras formas que estavam espalhadas por todo o cômodo. A professora lembrava as informações passadas previamente em aula, incluindo a história de cada objeto, enquanto todos estavam mudos, impactados.

Já em estado de êxtase, identificamos inúmeras apliques com gravuras e formas em dourado que contornava todo o teto com um fundo azul. Algumas formas dos desenhos geométricos lembram duas esfinges com um símbolo no meio e as duas se olham. Nas paredes entre as janelas e portas essas figuras descem até o chão, mas sem o fundo azul somente em dourado, os apliques com as esfinges remetem ao poder e sabedoria, um aposento que sugere ter sido um lugar de muita reflexão. O que nos leva a indagar, que tipo de sabedoria nosso antigo monarca admirava?

O quarto ainda era composto por um cofre imponente com marcas em sua porta com linhas que se cruzavam em toda sua estrutura, o objeto se comparado a outras preciosidades do cômodo não é bonito de se admirar, todavia tem um grande valor histórico e abre muitas

reflexões como: um objeto pesado feito de ferro maciço chegou até o 3º andar do pavimento, quanto tempo foi gasto para sua confecção em um período onde necessitava muito trabalho braçal. Ao lado, uma escrivaninha com entalhes feitos com curvas com seus pés em forma de uma pata de leão.

Sobre a mesa havia um lindo vaso, dourado com ramos espalhadas em branco com um desenho no centro com fundo azul. Do seu lado, avistamos um relógio de sol com uma espécie de canhão e uma luneta (o canhão do meio-dia), do outro lado, outro relógio de sol, feito de mármore e seu ponteiro de metal. Na parede, um espelho com marcas do tempo com sua moldura dourada com os símbolos da família monarquia, do outro lado da sala, um busto com o rosto de D. Pedro I sobre uma estrutura feita de madeira.

Sobre uma mesa de madeira com sua borda em dourado foram deixados panfletos, sobre os 200 anos do Museu Nacional, e uma lupa, mesa essa hoje ocupada pelo diretor do Museu Nacional. À direita do quarto, uma espécie de mesa e banco todos trabalhados com desenhos sobre a madeira e um suntuoso vaso azul, com suas hastes em dourado contendo uma imagem de D. Pedro II já em idade avançada no centro, com contornos em dourado.

Enfim, chegamos ao final da visita ao Museu Nacional, as palavras que aqui estão descritas narram minha experiência em uma noite no Museu. Durante toda graduação sempre existiu uma grande indecisão a respeito do trabalho de conclusão de curso, porém ao entrar naquele ambiente histórico e saber que ali viveu o Imperador do Brasil, tudo pareceu tão claro e a gana de conhecimento só aumentou a partir desta atividade única e inesquecível.

Deslumbrados com a magnitude do Aposento do Imperador, por mais que a professora nos orientasse que era proibido fotografarmos o espaço (pois não era permitida visitas públicas ao local) não conseguimos nos conter. A professora entendeu o momento singular e não mais interrompeu os registros “discretos” dos alunos.

No dia 02 de setembro de 2018, um incêndio catastrófico alastrou-se por todo o prédio, muitos pesquisadores e pessoas correram para o entorno do prédio, que ardeu em chamas durante toda noite. Todos os presentes ou até mesmo quem acompanhava pelos noticiários se emocionavam e se questionavam pela tamanha demora em conter as chamas, a cada minuto perdido mais acervos eram consumidos pelo fogo. Durante a manhã só restaram lágrimas e cinzas de inúmeros sonhadores, inclusive o autor.

Cerca de 90% do acervo do Museu Nacional foi consumido pelas chamas, uma coleção reunida ao longo dos 200 anos, lembrando que o bicentenário foi comemorado no mesmo ano. Diante de tal tragédia, em conversa com a professora que realizou a visita mediada (e a escolhi como minha orientadora), Regina Dantas, decidimos que era hora de repensar o trabalho de

conclusão de curso. Portanto, o que foi visto e registrado pelos alunos naquela noite da visita, deveria ser apresentado e registrado de forma a exaltar todo o tesouro que estava reunido dentro do antigo Paço de São Cristóvão – o atual Museu Nacional. Fim da narrativa.

Para os **procedimentos metodológicos** deste trabalho, foi utilizado a pesquisa de caráter exploratório, com o objetivo de propiciar uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito. Segundo Gil (2008, p.27) “[] pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Igualmente foi feita uma pesquisa descritiva, segundo Gil (2008, p.28) “[] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. A característica presente nesse tipo de pesquisa é a utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados.

Visando a devida contextualização, foi adotada a pesquisa bibliográfica e documental, uma vez que a pesquisa foca em dados e informações científicas de caráter histórico, filosófico e conceitual. Foram utilizadas fontes diversas, tais como: teses, livros e artigos científicos, materiais de referência, como dicionários e enciclopédias.

A indagação na abordagem qualitativa, com o objetivo de fazer uma coleta de dados, sua aplicação em particularidades e experiências individuais, foi imprescindível para a construção da reflexão acadêmica por meio da aplicação de Questionário.

Pormenorizando o trabalho, as estratégias e itinerários para o desenvolvimento, no Capítulo 1 INTRODUÇÃO, estão caracterizados o problema, justificativa e objetivos da monografia. Neste mesmo capítulo, partiu-se do uso da narrativa (memória individual) do autor, para a apresentação da construção da ida dos alunos ao Museu Nacional - o subcapítulo 4.1 CBG EM UMA NOITE NO MUSEU - a visita. Trata-se da experiência de um aluno de graduação ao ter participado pela primeira vez de visita acadêmica em um espaço reservado, dentro de um museu, em horário noturno, e surpreendentemente, o cômodo estava repleto de preciosidades, tais como, objetos e mobílias de uso da família imperial brasileira e as características da residência monárquica nas paredes.

No Capítulo 2, BREVE HISTÓRICO SOBRE O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO, visando contextualizar o tema, apresentamos algumas modificações realizadas no Paço de São Cristóvão pelos seus ocupantes, desde a compra da residência por d. João VI ao último morador, seu neto d. Pedro II. Utilizamos as contribuições de Dantas (2007), tratando dos aspectos históricos e das inúmeras narrativas dos visitantes que ao longo dos séculos passaram pelo Paço de São Cristóvão.

Biene (2013) traz relevantes contribuições sobre a arquitetura: plantas arquitetônicas, arquitetos responsáveis por cada modificação ao longo da história, sobre a construção do Paço, além da dimensão do aposento e ornamentos de sua decoração. Os dois trabalhos ajudam na reconstrução social e arquitetônica do Paço de São Cristóvão. Dessa forma, é possível identificar o uso da casa, seus objetos e o que posteriormente passou a ser peças de acervo para o Museu Nacional e o uso do aposento por meio dos diretores do Museu Nacional.

Além desses autores, alguns teóricos irão auxiliar as abordagens do Brasil Imperial e seus personagens históricos, tais como, Maria Margaret Lopes (1997), Lilia Schwarcz (2010) e Dantas (2012).

No Capítulo 3, APOSENTO IMPERIAL DE D. PEDRO II E SEUS OBJETOS, apresentamos os materiais que estavam na sala da direção do museu e com o auxílio de Dantas (2007) é possível descrever cada objeto desde sua criação, material usado para a sua construção, como e onde foram adquiridos, além do seu uso em tão distintas épocas. Neste momento, cabe esclarecer que, em relação aos objetos, não foi identificado outra obra que pudesse orientar estas descrições do que a própria dissertação da professora da disciplina. Por isso, foi bastante utilizada a dissertação de Dantas (2007).

O Capítulo 4, O ESPAÇO COMO GABINETE DO DIRETOR DO MUSEU NACIONAL, não foi desenvolvido conforme o esperado, pois a biblioteca do Horto está fechada ao público. Após o incêndio em dois de setembro de 2018, um trágico incêndio destruiu cerca de 90% do acervo, dos 20 milhões de itens que constituíam as coleções do Museu Nacional/UFRJ, a partir de então, o espaço da Biblioteca Central foi utilizado e adaptado para alocar os cursos de pós-graduação, alunos e servidores da instituição, o que impediu a realização de um mapeamento preciso nos relatórios dos ex-diretores do Museu Nacional. Mesmo assim, alguns relatórios, que estavam com servidores do Museu Nacional, foram utilizados.

O Capítulo 5, VISITA MEDIADA EM DIFERENTES ASPECTOS DA MEMÓRIA, conta com apresentação dos conceitos de memória, memória coletiva e lugares de memória, dessa forma, transitaremos pelos conceitos para chegar à fotografia como instrumento primordial para a contribuição dos participantes da visita acadêmica.

O último capítulo, ANÁLISE DOS DADOS, será a contribuição dos participantes da visita por meio do Questionário respondido pelos alunos do CBG. Os dados foram analisados para registrar os relevantes destaques dos alunos, devidamente identificados pelo autor.

É importante frisar que a temporalidade do texto do presente trabalho marca sua produção anterior ao incêndio ocorrido no dia 2 de setembro de 2018.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO

Muitos autores já se debruçaram sobre a vinda da Corte portuguesa para o Brasil em 1807, mas para a contextualização necessária deste trabalho, destacamos a residência na Quinta da Boa Vista e seus primeiros moradores.

Elie Antun Lubbus⁵(nome aportuguesado: Elias Antonio Lopes), comerciante lusolibanês, e pela ambição de ser generosamente recompensado, realizou uma grande reforma em sua residência construída em “estilo oriental”⁶e presenteou, em 1º de janeiro de 1809, sua casa-grande à d. João que, imediatamente, aceitou-a para ser sua moradia. O “turco”⁷Elias, como era conhecido, recebeu de d. João “a quantia de 21:929\$000 – vinte e um contos, novecentos e vinte e nove mil réis – referentes ao pagamento das obras já realizadas e uma mensalidade para a conservação do edifício.” (KHATLAB, 2002, p. 19 *apud* DANTAS, 2007).

A nova aquisição da família imperial, a residência, foi construída em um plano elevado propiciando assim uma vista privilegiada de muito beleza, Luccock, em 1813, ao descrevê-la cita cultivos e jardins floridos como melhorias (Figura 1):

Os jardins ocupam quase um terço da planície, ali florescendo, com beleza e abundância, a laranja, o café, a banana, a mimosa e grande variedade de flores. Preferível que nada se diga do bom-gôsto desses jardins; devemos contudo, lembrarmos de que há poucos anos atrás, tudo ali eram pântanos e matas²⁷. (LUCCOCK *apud* BIENE, 2013, p. 63).

Figura 1 - Palácio Real de verão, Boa Vista, em São Cristóvão, nas proximidades do Rio de Janeiro. Thomas Ender, c.1817



Fonte: FUNARJ

⁵ Lubbus é um sobrenome cristão libanês e a mudança de nome entre os árabes era mais uma questão para não serem chamados de “turcos” (KHATLAB, 2002, p. 34).

⁶ Estilo utilizado no Oriente característico pelo formato de um quadrado com um pátio interno e varandas ou galeria de vinte colunas, encimado de um primeiro andar (KHATLAB, 2002, p. 19).

⁷ Apelido dado aos portadores de passaporte otomano. Independentemente da procedência (da Síria ou do eram chamados de “turcos”.

Desde sua compra, a residência passou por diversas alterações, com o casamento de dona Maria Tereza de Bragança (1793-1812) com o infante da Espanha d. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança (?-1812). Este foi o começo das transformações até chegar ao palácio como atualmente é conhecido, pois as modificações foram necessárias para acomodação da crescente família imperial, "d. João contou com Manoel da Costa para realizar as obras de ampliação, e usou como modelo o Palácio Real da Ajuda – atual Palácio Nacional da Ajuda”.

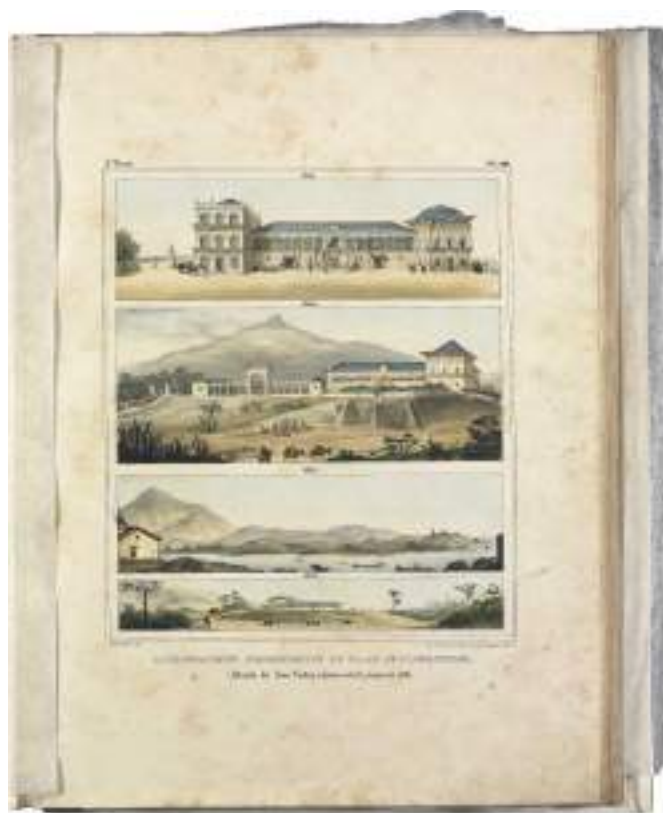
[...] No Brasil, a metrópole se transferiu para o Novo Mundo e resolveu criar político do país. Desse modo, a característica do regime colonial logo desapareceu. Outra nova fase de expansão da residência do regente aconteceu, nos fundos do palácio, pelo arquiteto inglês John Johnson, em 1816 (SANTOS, 1981, p. 46), por ocasião dos preparativos para o casamento de d. Pedro I (1798-1834) com d. Carolina Josepha Leopoldina (1797-1826), austríaca apaixonada pelas ciências naturais. (DANTAS, 2007, p. 39).

O Brasil, dentre todas as colônias, teve sua governança no próprio país, e o palácio que seria palco das mais diversas expressões políticas e sociais, manteve marcas que se perpetuariam até a atualidade, "As cores verde e amarelo haviam sido transformadas em cores nacionais: a primeira, simbolizando a Casa de Bragança; a segunda, a de Habsburgo-Lorena, de dona Leopoldina”. (NEVES, 1999, p. 88).

Durante o final do período de d. Pedro I (entre os anos de 1822-1831), os desenhos de Jean-Baptiste Debret (1768-1848) nos mostram as fortes alterações no Paço (Figura 2).

No final do período de d. Pedro I, identificamos alterações no Paço, principalmente em sua fachada, na construção do segundo torreão (ao sul em três andares), concretizada, agora, pelo francês Pierre Joseph Pézerat (1826-1831). A obra foi executada em estilo neoclássico, que predominou na conclusão de todo o palácio. (SANTOS, 1981, p. 46).

Figura 2 - Améliorations progressives du Palais de St. Christophe: (Quinta de Boa Vista); depuis 1808, jusq'en 1831. Paris, França: Firmin Didot Frères, 1839



Fonte: 1 Debret, Jean-Baptiste (desenhista), 1768-1848. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*

O quarto de d. Pedro II foi construído segundo uma concepção moderna da necessidade de o soberano ter o seu espaço próprio no sentido de ser utilizado como um local privativo. [...] imperadores ficavam localizados no terceiro pavimento da edificação. Atualmente, o pavimento concentra as seções administrativas da direção e, em especial, o quarto do monarca constitui um dos gabinetes da direção da direção do Museu Nacional [...] O antigo quarto de d. Pedro II mede 79 m² e é rico em detalhes e apliques em madeira pintados em ouro. Em todo esse andar ficavam localizados os aposentos imperiais, e, após a transferência do Museu Nacional, o pavimento passou a ser utilizado como ambiente técnico-administrativo da instituição. (DANTAS, 2007, p. 150-151).

Cronologicamente o terceiro pavimento, segundo (BIENE, 2013) foi desenvolvido por "Manuel de Araújo Porto Alegre, arquiteto brasileiro: responsável pelas obras do Paço nas décadas de 1840 e 1850: reforma e acréscimo do 3º pavimento do corpo central e do torreão norte [...]" marco então da construção do antigo aposento que futuramente seria ocupado pela direção do Museu Nacional.

Com o intuito de enaltecermos o aposento de d. Pedro II, objeto da presente pesquisa, apontamos que "No terceiro pavimento, entre os seus vários salões, uma sala merece especial destaque pela preservação de vestígios de um passado digno de um palácio imperial. A sala,

que compõe os gabinetes da diretoria do Museu, localiza-se também no torreão sul." (BIENE, 2013, p. 187).

Toda explicação elaborada de um quadro inclui ou implica uma descrição complexa desse quadro. Isso significa que a explicação se torna parte de uma descrição maior do quadro, ou seja, uma forma de descrever coisas nele que seriam difíceis de descrever de outro modo. Mas, se é verdade que a “descrição” e a “explicação” se interpenetram, isso não nos deve fazer esquecer que a descrição é a mediadora da explicação. (BAXANDALL, 2006, p. 32).

O Paço de São Cristóvão (localizado na Quinta da Boa Vista) foi residência de d. João VI, d. Pedro I e d. Pedro II. Durante o período do segundo imperador, a residência passou a realizar atividades administrativas, além de representar o espaço das ciências com o seu museu, identificado no Paço, iniciado com acervo de sua mãe, a imperatriz Leopoldina. Portanto, o “Museu do Imperador”⁸ justifica a utilização do Paço de São Cristóvão pelo atual Museu Nacional, antigo Museu Real criado por d. João em 1818, no Campo de Santana.

Com o banimento da família imperial (1889), após outras utilizações do espaço, o Museu Nacional foi transferido para o Paço, em 1892 (DANTAS, 2007, p. 22) e poucas marcas do período imperial sobreviveram a esta época.⁹

Os aposentos de d. Pedro II (que também pertenceu à d. Pedro I) recebeu nova designação e passou a ser ocupado pela direção do Museu Nacional. Dentre os vinte e oito diretores até o ano de 2018, pouco se sabe sobre os que realmente usaram esse espaço, e o que contam a respeito dele.

Diante desta breve apresentação, finalizamos destacando que, a partir de 1892, o palácio deixou de ser reconhecido como Paço de São Cristóvão, passando a ser identificado como prédio do Museu Nacional ou palácio da Quinta da Boa Vista.

Segundo Halbwachs (1968, p. 25), “Fazemos apelos aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permanecem obscuras.”

⁸ Sobre o Museu do Imperador, ver: DANTAS, 2017.

⁹ Sobre uma visão crítica da transferência do Museu Nacional para a Quinta da Boa Vista, ver a tese: SILVA, Paulo Vinicius Aprígio da Silva, 2017.

3 APOSENTO IMPERIAL DE D. PEDRO II E SEUS OBJETOS

Com o fim da monarquia, o destino do palácio e dos objetos remanescentes no recinto contariam com a própria sorte:

Proclamada a República e tendo de retirar-se do país a ex-família imperial, cumpria ao Governo Provisório, como representante da soberania nacional e supremo garantidor da ordem social, não só entrar na posse dos bens, pertencentes ao Estado, como ainda acautelar as propriedades particulares do ex-chefe da Nação e de sua família. (Relatório Ministerial da Justiça e Negócios Interiores, 1891, p. 54).

Com a dissolução do Império em 1889, a Quinta da Boa Vista começa a ter um declínio em termos de tamanho “1.033.800 m² passou para 406.680 m², com a apropriação, cessão e venda de terrenos por parte do governo republicano (GOMES, 2006, p. 23)”, seus pertences reunidos e leiloados pelo Governo Provisório como forma de apagar a imagem da monarquia “Apagar tem a ver com ocultar, esconder, despistar, confundir os traços, afastar-se da verdade, destruir a verdade.” (ROSSI, 1991, p.14-15).

O Paço de São Cristóvão, entre outros bens e propriedades imperiais, foi incorporado aos tesouros do novo governo republicano. No ano seguinte, seria o palácio o centro do que foi conhecido como Leilão do Paço, uma série de leilões que colocaram em hasta pública muitos dos antigos bens moveis imperiais. (BIENE, 2013, p.239).

O leilão como mencionado, serve de base para a compreensão do que foi poupado e está sob guarda da direção do museu, os objetos remanescentes serão apresentados ao longo do capítulo, objetos esses reunidos por meio de doações pelos próprios monarcas, presentes recebidos pelos visitantes e regalos das inúmeras viagens realizadas pela família, artefatos esses que não compõem uma exposição, entretanto, sua distribuição auxilia mesmo que de forma involuntária à enaltecer o aposento de d. Pedro II (atual Gabinete do Diretor).

O ambiente reservado de d. Pedro II, era composto por 79m², com uma concepção moderna com apliques de madeira cobertos em dourado sobre um fundo azul, espalhados em torno do teto e descendo pelos cantos da estrutura (Figura 3).

Quando o monarca se recolhia para o seu cômodo, o seu ritual era composto por: escrever carta para a condessa de Barral, fazer as anotações em seu diário e realizar a leitura de um livro até conseguir dormir, As cartas escritas para a condessa foram um exercício que durou de 1865 até 1881. (SODRÉ, 1956 apud DANTAS, 2007, p. 151).

Figura 3: Vista parcial do aposento de d. Pedro II com a ambientação do gabinete da direção do Museu Nacional até o ano de 2001, Parede em Detalhes.



Fonte: Site do Museu Nacional (www.museunacional.com).

Após o leilão dos objetos, um foi fundamental para a designação ao seu proprietário, o cômodo que por relações dos objetos existentes no espaço. “O cofre (Figura 4), que não foi removido de lugar e ficava no quarto do imperador, representa o único objeto que se manteve originalmente no ambiente, além dos apliques existentes nas paredes”. (SANTOS, 1940; DANTAS, 2007).

Cofre em ferro, com 1,75 m de altura, 92 cm de largura e 55 cm de profundidade (Figura 58), que foi adquirido por Bettencourt da Silva no valor de 200\$000, durante o leilão do Paço (SANTOS, 1940; DANTAS, 2007).

O cofre é feito de ferro fundido, todo de metal maciço, e externamente é transpassado por listas (barras de ferro) cruzadas em diagonal e arrematadas em cruzamentos com tachas circulares, de efeito decorativo. (PATERNOSTRO, 1989). A imagem à primeira vista não é muito positiva (por ser um móvel de aparência bruta), mas ao pensarmos no papel que ele desempenhou na residência, nos causa interesse. (DANTAS, 2007)

Figura 4- Cofre



. Fonte: DANTAS, 2007, p.153

O cofre foi usado por muito tempo com o uso de uma chave até a mesma apresentar falha, conforme relatado durante a gestão do ex-diretor “professor Luiz Emydgio de Mello Filho (1976-1980), o cofre era apenas fechado à chave, pois o segredo havia sido esquecido e não havia interesse em melhor guardar as peças que nele havia (DANTAS, 2007 p.154)”, o segredo só foi descoberto após o concerto da fechadura pelo diretor adjunto, Wagner Wiliam Martins, tornando assim o “o guardião das relíquias do século XIX que retratam a história do Paço de São Cristóvão e do Museu Nacional.”.

Com abertura do cofre, foi revelado um objeto (Figura 5), “confeccionado na época de dona Maria I para a instrução do príncipe d. José: “um vaso de prata dourado, coroado por um bello coral, representando a batalha de Constantino”. (NETTO, 1870).

Figura 5- Taça-cofre em prata dourada



Fonte: Catálogo dos Objetos Históricos

Outro objeto que apresenta parte do cotidiano da sociedade no século XIX, revela a preocupação com a higiene dos moradores, apesar das faltas de menções em seus diários por parte dos mentores de D. Pedro II, sugere o trato com a higiene pessoal – o toucador (Figura 6), que no século XX será substituído pela penteadeira.

O toucador encontrado no cofre da direção do Museu Nacional participou da vida diária do Paço de São Cristóvão, contendo utensílios para a higiene pessoal. O modelo do toucador encontrado foi muito utilizado na realeza francesa, constituído de uma pequena mala contendo os principais objetos para a manutenção da aparência. ¹⁰ (DANTAS, 2007, p.152-153.)

Figura 6- Toucador encontrado no cofre da direção contendo cinco escovas de marfim



Fonte: DANTAS, 2007

Ainda no cofre foram encontrados 2 relógios (Figura 7), o relógio canhão do meio dia do laboratório e suas especificações “objeto é caracterizado por uma base de mármore de 22 cm de diâmetro e 3 cm de largura, com quadrante solar, no qual está montada a miniatura de um canhão com 16 cm de comprimento e dois apoios de metal que seguram uma lente giratória (PATERNOSTRO, 1989 *apud* DANTAS,2007, p. 184)”, do seu uso foi projetado com a seguinte função o reflexo da luz do sol sobre uma lente estourava pontualmente às 12 horas de paris refletindo a fidelidade de Luis VX governante na época, com um aviso sonoro que remete ao barulho de estampido de canhão, o relógio de sol é arquitetado:

O relógio de sol é caracterizado por um círculo em mármore com 49 cm de diâmetro e 3 cm de altura, que pode representar a preocupação do monarca com sua localização no tempo. Equipamento supostamente do século XVII, é composto por uma base de mármore espessa (3 cm) com mostrador gravado e o ponteiro (gnómon) de metal em forma triangular, sendo uma lateral recortada em elipse.

O Observatório foi construído em 1862 por Bettencourt da Silva e ficava localizado no terraço do torreão Norte (acima da Sala do Trono). Foi demolido por ocasião da reutilização do palácio como espaço para a Assembleia Constituinte.

¹⁰ toucador, um estojo com a metragem de 27 × 26 cm, com 6 cm de altura, feito de couro e forrado internamente com veludo, contendo cinco escovas com cabo de marfim com pelo natural, em diferentes tamanhos (PATERNOSTRO, 1989).

Figura 7- Canhão do meio dia /Relógio de sol



Fonte: DANTAS, 2007

Segundo Dantas (2007, p.184), ambos caracterizam uma preocupação com a pontualidade, revelando assim um atributo de D. Pedro II em marcar as horas, reafirmadas nas anotações do seu diário pessoal em 1862.

Pretendo distribuir assim o tempo. Acordar às 6, e até às 7 grego ou hebraico... De meio-dia às 4 exceto 3as e 5as em que será até às 3, exame de negócios, ou estudo. Jantar, e às 5 ½ passeio. Das 9 às 11 escrita deste livro; depois dormir. Assisto as lições do Sapucaí¹¹ 218 de inglês e de alemão das minhas filhas. Nas 2as lerei a elas Barros das 7 ½ às 8 da noite; 3as Lusíadas, das 10 ½ às 11 da manhã; das 3 às 4 dar-lhes-ei lição de matemática, e latim com elas das 7 às 8 da noite; 4as, latim com minhas filhas das 10 ½ às 11; 5as, Lusíadas, das 10 ½ às 11; explicarei a minhas filhas a física de Gannot das 3 às 4, e latim com elas das 7 ½ às 8 da noite e nas 6as latim com minhas filhas das 10 ½ até 11, e Barros¹² 219 das 7 às 8 da noite. Domingos e dias Santos leitura de Lucenas¹³, 220 durante uma hora, e meia hora de leitura do Jardim das raízes gregas à noite. O tempo que não tem emprego será ocupado com leitura, conversa ou recebimento de visitas. Nas 4as à noite tenho ministro, e quando puder é que lerei Barros das 7 ½ às 8. A afluência de negócios ou visitas que não possam esperar é provável que transformem muitas vezes esta distribuição do tempo. (MI.CI. Diário de d. Pedro II – 5.1.1862).

¹¹ Cândido José de Araújo Viana – visconde de Sapucaí, professor de d. Pedro II.

¹² João de Barros – clássico da literatura portuguesa.

¹³ Padre João de Lucena – clássico da literatura portuguesa.

Além dos objetos anteriormente citados, outras peças com muito requinte foram recebidas como presentes ou foram adquiridas nas inúmeras viagens realizadas por D. Pedro II, um deles é o vaso originário de Sèvres¹⁴, segundo Dantas (2007, p.41 *apud* PATERNOSTRO, 1989), trata-se de um vaso Bizantino, decorado em relevo, com seu lado principal, um emblema extenso tipificando uma cena da mitologia grega (figura feminina ladeada de “putti”), sua dimensão (70 cm de altura), não possui alças, revestido todo na cor dourada na maior parte com um fundo porcelanizado com fundo azul cobalto, “A peça foi enviada ao Museu Imperial e Nacional pelo próprio imperador. O presente foi primeiramente enviado do governo francês à d. Pedro II como agradecimento pela emissão de materiais arqueológicos do Brasil ao Museu Arqueológico de Sèvres”. (Figura 8 – vaso da esquerda).

Dantas (2007, p. 140) salienta que foi uma surpresa encontrar um segundo vaso com d. Pedro II em idade avançada, suas características têm 54 cm de altura, 20 cm de base e 23 cm de bojo. “o objeto foi distribuído para compor os locais de destaque da nobreza com o intuito de fortalecer a figura do imperador. Além de os nobres adquirirem objetos de luxo europeu, era comum ornamentarem suas residências com os signos de seu monarca”. Trata-se de vaso arrematado no leilão do Paço (Figura 8 – vaso da direita).

[...] constituído de “alças estilizadas em acanto de cor azul – cobalto – com 2 medalhões”: no primeiro, o retrato de d. Pedro II ladeado com motivos decorativos em acanto e “rocaille” dourados; e o outro, com as armas do Brasil, tendo ao centro um emblema verde encimado pela coroa imperial, ladeado por ramos de café e fumo em floração. Esse emblema é contornado com decoração estilizada de parreira. O vaso tem a sua borda dourada em forma de pétala recortada. (PATERNOSTRO, 1989 *apud* DANTAS 2007,p.41).

Figura 8 -Vaso originário de Sèvres/ Vaso arrematado no leilão do Paço



Fonte: 2 DANTAS 2007, p. 14.

¹⁴As porcelanas desenvolvidas nas oficinas de Sèvres eram as favoritas do rei Luís XV.

O par de vasos com imagens — foi fabricado por ocasião do casamento de Suas Majestades Imperiais. No entanto, já na época foram feitas várias cópias, ofertadas por d. Pedro II em momentos especiais. Dr. Inocêncio M. de Araújo, por exemplo, em lembrança dos serviços prestados no Nordeste no período da grande seca, recebeu um par de vasos desse tipo[...]. (SCHWARCZ, 1998, p. 728).

Outro objeto que figura as boas maneiras à mesa é descrito por (SCHWARCZ, 1998), segundo ela apesar da elegância seu propósito de uso revela a etiqueta na corte, “A civilização leva sempre à restrição dos costumes, e não ao objetivo oposto, e a dificuldade está em evitar o gesto natural[...] nunca escarrar na casa, no fogo ou janela abaixo, jamais arrotar ou dar mostras de ter ventosidade no estômago[...]”.

No século XIX era de bom tom se ter a noção no direcionamento do escarro, “o objeto passa a ser utilizado nos espaços sociais das residências, à vista das visitas, sobre os móveis ou ao lado dos sofás. A escarradeira[...] passa a ser citada em obras literárias como objeto de higiene.” (AZEVEDO, 1960, p. 202 *apud* DANTAS, 2007, p. 143). Ressalva-se que a escarradeira de d. Pedro II estava guardada no cofre. (Figura 9).

Figura 9 Escarradeira de porcelana contendo ao centro três emblemas reproduzindo litografias com imagens de três rainhas de diferentes épocas.



Fonte: DANTAS, 2007, p. 143.

A escarradeira, de cerâmica vitrificada (esmaltada), mede 9,5 cm de altura e 21 cm de diâmetro, e ao centro é caracterizada por emblemas reproduzindo litografias com retratos de três rainhas com os respectivos nomes: SOUS CHARLEMAGNE (780); SOUS CHARLES VI (1395); SOUS HENRI IV (1600¹⁵), e contém tons em branco e rosa. (PATERNOSTRO, 1989 *apud* DANTAS, 2007, p. 143).

¹⁵ Na escarradeira que pertenceu ao Paço de São Cristóvão, as imagens das rainhas ligadas aos nomes de três reis: Carlos Magno, Carlos VI e Henrique IV – nos transmitem uma ideia de que o objeto foi produzido para ser utilizado pela alta camada da sociedade. (DANTAS, 2007).

As baixelas e demais louças costumavam fazer alusão à pluralidade de itens com ornamentação monarca, “lencinhos, leques, jogos de baralho, broches, nas pratarias e nas louças, multiplicava-se a imagem da realeza, como se ela ganhasse o dia-a-dia e penetrasse nos locais de maior intimidade. A memória entra no cotidiano, que se vê tomado pela representação de d. Pedro II”, instrumentos esses que estrutura e renova a imagem da expressão pública. (SCHWARCZ, 1998, p. 710).

A baixela de prata (Figura 10) com a inscrição de d. Pedro II, também ficava guardada no cofre localizado no aposento do monarca, portanto, não ficava exposto.

Figura 10 - Salva de prata com inscrição “PII”



Fonte 3: DANTAS, 2007, p.148.

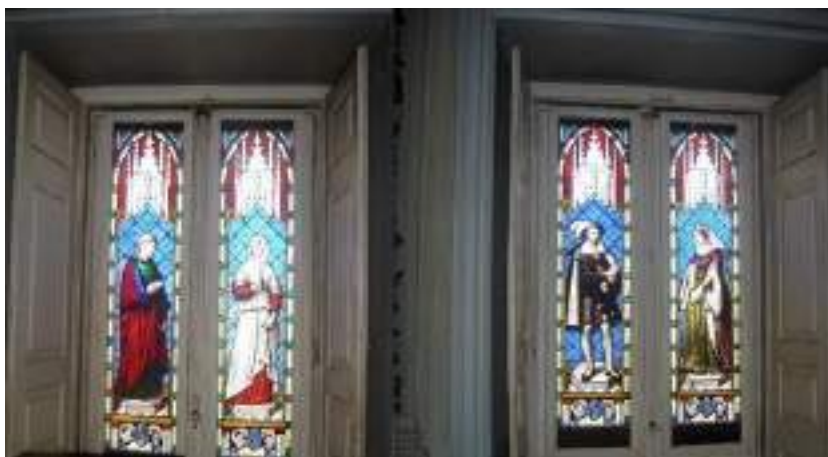
A salva de prata encontrada no cofre mede 4,5 cm de altura e 21,3 cm de diâmetro, é de formato circular com borda decorativa sustentada por três pés em forma de folhagem e tem no centro gravado: “*PII*”, encimado pela coroa imperial . Nesses ambientes públicos, vários objetos de decoração ou de uso diário do palácio levavam a marca *PII* (Pedro II) ou a própria figura do monarca com a finalidade de propagar sua imagem aos membros da Corte. (PATERNOSTRO, 1989 *apud* DANTAS, 2007).

Segundo (BIENE, 2013), “[...] encontram-se quatros vitrais (Figura 11), representando Dante e Beatriz e Tasso e Eleonora, únicos em todo o palácio e ali preservados graças a Bethencourt da Silva¹⁶, que os arrematou no Leilão do Paço, realizado após a Proclamação da República, em 1890.

¹⁶ Bethencourt da Silva, engenheiro da Casa Imperial e lente de arquitetura da Academia de Belas Artes, foi incumbido, pelo Ministério do Interior, de adaptar o palácio a sede da Constituinte da República. Com esse fim, Bethencourt arrematou no Leilão do Paço, em nome do Ministério, várias peças de valor.

Quatro vitrais de 2,09 x 0,50 m em forma retangular-vertical, representando Dante e Beatriz e Tasso e Eleonora, necessitaram de pequenos reparos nos pontos de apoio. Inclusive pelo tema, parecem ser de origem italiana, e não há deles nenhuma informação de ordem histórica. Com o fito de valorizá-los dando-lhes aplicação condigna ao seu inegável valor artístico, foram transferidos para a Sala da Diretoria do Museu [...]conforme informação do ex-diretor José Cândido, os vitrais foram transferidos para o gabinete da direção em 1957, e hoje ainda se encontram nesse local [...]. (CARVALHO, 1956, p. 35 *apud* DANTAS, 2007, p. 167).

Figura 11- Vitrais d. Thereza Cristina



Fonte: DANTAS 2007.

Schwarz (2013, p.1085) salienta que uma nova etapa seria iniciada com a instalação da república, e com isso, foi necessário “fazer desaparecer ícones que remetiam ao ex-imperador e dar novo significado ao sólido edifício que durante tantas décadas representou o coração do Segundo Reinado”.

Após o Leilão do Paço, alguns móveis e objetos foram selecionados para compor a nova representação do antigo Paço de São Cristóvão – o espaço foi utilizado para sediar a primeira Assembleia Constituinte Republicana (1890-91).

Dos móveis que pertenceram ao espaço público monárquico e que foram arrematados por Bettencourt para compor o Salão da Constituinte, identificamos um par de espelhos¹⁷ com 117 cm de altura e 74 cm de largura[...], em formato retangular encaixado numa moldura de madeira composta de base decorada com friso de palmetas; nas laterais colunas decoradas com palmetas e folhagens estilizadas. Na parte superior, uma larga faixa com um relevo representando uma figura feminina alada (Niké) conduzindo quadriga. Acima, coluna idêntica à das laterais, posicionada na horizontal, terminando em cornija, que acompanha o relevo do espelho. (PATERNOSTRO, 1989 *apud* DANTAS, 2007, p. 138).

¹⁷ O par de espelhos, após explicação de Santos (1940, p. 254), chamou nossa atenção devido aos signos monárquicos talhados na moldura e por estar faltando um aplique na parte superior (Figura 12).

Figura 12- Um dos espelhos que pertenceram ao Paço de São Cristóvão e sofreram alterações para compor a Assembleia Constituinte Republicana



Fonte: DANTAS, 2007, p.138.

Outra peça da mobília que passou a incorporar o gabinete do diretor durante décadas foi o consolo¹⁸ (Figura 13), “perdendo o seu significado original, e a “enfeitar” o gabinete do diretor. O mobiliário passou a ser utilizado como móvel de escritório, e os demais objetos permanecerem embelezando o gabinete por muitas décadas.” (DANTAS, 2007, p. 56).

Figura 13- Consolo do século XIX e banquetas e Consolo em detalhe



Fonte: DANTAS, 2007.

¹⁸ No salão de jantar, estavam riquíssimos serviços de porcelana e cristal, objetos de arte, móveis, alguns de subido valor histórico e artístico, quais os consolos de mogno maciço guarnecidos de bronze dourados à fogo, com ornatos e brasões tendo iniciais de d. Pedro I. (SANTOS, 1940, p.180).

“Mesa da primeira metade do século XIX. Pertenceu ao Paço de São Cristóvão e foi arrematada por Bettencourt da Silva, engenheiro das obras do Ministério do Interior, para compor o Salão da Constituinte e, posteriormente, foi herdada pelo Museu Nacional”. (DANTAS, no prelo) A mesa (Figura 14) é o exemplo de mobília que passou a ser utilizada como móvel de escritório no gabinete do diretor.

Figura 14- Mesa Século XIX



Fonte: Registro de Dantas.

Outro conjunto de objetos deslumbrantes são as mesas e mesinhas de marcheteria, pressupõem que foram adquiridas em sua viagem em 1876 ao oriente médio, “[...] árabe "tauli"), de estilo oriental também trabalhada com madrepérolas¹⁹, são peças trazidas do Oriente e provavelmente de Damasco, Síria, onde Dom Pedro também passou em 1876 (Figura 15).

¹⁹ Madrepérola, chamada também de "nácar", é uma substância calcária dura, branca e irisada, existente no interior de um molusco bivalve, conhecida também como concha e pode ter pérolas no interior, em 1876 pode ter sido adquirido no Suk (mercado) de Hamidieh em Damasco.

Figura 15- Mesa e mesinha de marchetaria (arte muçulmana).



Fonte: Registro de DANTAS

Na detalhada pesquisa de Biene (2013, p. 257), existe o ofício de compra de dois lustres para os aposentos do casal imperial, localizado no torreão sul, entretanto não é possível afirmar que trata-se do lustre que vimos no aposento de D. Pedro II (Figura 16).

Figura 16- Lustre existente no gabinete do diretor



Fonte: Arquivo Pessoal CBG 2018.2

Partindo do princípio de que os aposentos imperiais estavam localizados no 3º andar do prédio, um outro tesouro é alcançado pela vista das janelas, apontado por Biene (2013, p.32), pelo olhar e descrição de Maria Graham²⁰ sobre “um pátio plantado com salgueiros chorões, de modo a formar um conjunto de grande beleza no fundo do vale, cercado de montanhas altas e pitorescas” e registro, abaixo, de Oberacker, biógrafo de Leopoldina.

anotou as impressões que obtive quando esboçava durante seis semanas, com agrimensor e capitão Lilienhock, a planta da propriedade real: Passei então quase noites inteiras no meio desta natureza exuberante, que desdobra aqui todos os seus encantos de uma noite de luar nestas regiões do sul. ã Ventos ligeiros traziam o aroma das florestas de laranjas em flor [], brilhando no azul etéreo da abobada celeste as constelações da noite sagrada.²¹

²⁰ Maria Graham (1785-1842), preceptora de dona Maria da Glória, trocou interessantes conversas por meio de correspondências com Leopoldina. Graham esteve no Brasil no período entre 1821 a 1823.

²¹ Eduard Theodor Boschi, militar alemão, viveu no Brasil de 1825 até 1834, foi da cavalaria do Rio de Janeiro. Na Alemanha, em 1835, publicou Quadros alternados: Impressões do Brasil de Dom Pedro I. (OBERACKER Jr., 1973. p.122).

4 O ESPAÇO COMO GABINETE DO DIRETOR DO MUSEU NACIONAL

Este capítulo não foi desenvolvido conforme o esperado, pois após o incêndio de 2 de setembro de 2018, a biblioteca detentora dos relatórios anuais dos ex-diretores encontra-se (até e realização desta pesquisa) com o acesso ao público suspenso, não sendo possível identificar os ex-diretores que ocuparam o espaço. A partir de então, o espaço da Biblioteca Central foi utilizado e adaptado para alocar os cursos de pós-graduação, alunos e servidores da instituição, o que impediu a realização de um mapeamento preciso dos relatórios dos ex-diretores do Museu Nacional. Mesmo assim, alguns relatórios, que estavam guardados com com servidores do Museu Nacional, foram utilizados.

Após a dissolução do império em 1889, foi realizado um grande leilão afim de dar novas destinações ao acervo da família e encobrir os vestígios deixados pelo período imperial, “o evento foi agilizado pelos representantes do Governo Provisório, preocupados em se desfazer dos objetos que pertenceram ao antigo Paço de São Cristóvão, promovendo, assim, um processo de apagamento da memória.” (DANTAS, 2007).

Referimo-nos a este processo devido à pressa identificada nos periódicos analisados na tese de Dantas, que registraram que os materiais existentes no palácio deveriam ser rapidamente leiloados. É um processo, pois outras ações foram executadas na edificação sede do Museu Nacional (antiga residência) para descaracterizar o período imperial, que não é objeto da presente investigação, mas deixamos registrados a falta de atenção aos patrimônios históricos e culturais que auxiliam no registro da história do país.

A arquiteta Maria Paula van Biene salienta em sua análise arquitetônica os novos ocupantes do antigos aposentos, “No terceiro pavimento, entre os seus vários salões, uma sala merece especial destaque pela preservação de vestígios de um passado digno de um palácio imperial. A sala, que compõe os gabinetes da diretoria do Museu, localiza-se também no torreão sul”. (BIENE, 2013, p. 187).

Trata-se da sala que estamos apontando - um dos aposentos de d. Pedro II - com a dupla representação de ter sido utilizado pelo Museu Nacional como o gabinete do diretor da instituição. Cabe ressaltar que esta justaposição de imagem do espaço – a utilização do antigo aposento imperial como gabinete administrativo do diretor do Museu – só é identificada após o período em que a instituição foi transferida do Centro da Cidade até a Quinta da Boa Vista a partir de 1892.

A transferência do Museu Nacional para a edificação do antigo Paço de São Cristóvão foi realizada no ano de 1892 durante a gestão de Ladislau Netto (1838-1894). Netto administrou a instituição entre os anos de 1870-1892, período considerado a “Idade de Ouro do Museu Nacional” (LOPES, 1997, p. 158) e é possível conhecer o início da história da instituição científica por meio da clássica obra deste ex-diretor: “Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro” datado de 1870.

Com o início do mandato de Netto, é possível destacar a crescente atividade científica igualando o prestígio do Museu às instituições da Europa e da América. É considerado o período mais fecundo do Museu, pois em sua gestão destacamos, dentre suas ações, a aplicação de três reformas administrativas (1876, 1888 e 1890) e o último regulamento (de 1892) foi elaborado em sua ausência. (LOPES, 1997, p. 159).

Com a valorização do ensino, atividades são desenvolvidas pelos diretores e sub-diretores das seções, incluindo palestras e cursos acessíveis a toda comunidade, ministrados pelo menos uma vez na semana. As atividades de ensino contavam com a presença de d. Pedro II e o convite aos alunos se dava por meio do Diário Oficial.

No âmbito das publicações, trimestralmente passa a ser publicada a nova revista intitulada de *Archivos* do Museu Nacional, “No hall dos periódicos destinados às interlocuções científicas a referida revista destaca-se pelo papel que deveria cumprir, não só junto ao Museu Nacional, mas como acertado canal de veiculação da construção de um discurso acerca da ideia de Brasil a partir das ciências”. (SILVA, 2012, p. 102-115)

Ladislau priorizou a reforma institucional, conseqüentemente identificamos as modificações dos nomes das seções, mas o que nos importa nesta investigação é a transferência do Museu Nacional para o antigo Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista.

Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 28 de fevereiro de 1890. Ao cidadão Francisco Glicério, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Snr. Ministro, tendo recebido do Ministério do Interior a autorização em que haveis solicitado, para que me fosse permitido examinar todo o edifício da Quinta da Boa Vista, percorri e minuciosamente visitei aquele edifício, que me parece perfeitamente adequado as funções de um Museu de História Natural, a que destina o Governo Provisório, de que fazeis dignamente parte. Estranho, mas me parece útil e fácil esta aquisição, de tamanho alcance para o estudo das riquezas feracíssimas deste país, quanto se me afigura não deverá exceder de trinta a quarenta contos os reparos e melhoramentos, que se exige referido edifício para satisfazer aos fins que se tem em vista. Estes trabalhos limitam-se ao retalhamento de todo aquele imóvel e a colocação de cobertas de vidro em quatro pátios internos, transformáveis assim em novos salões de grande altura e, portanto, excelentes para neles se conservarem ao alcance da curiosidade pública, os esqueletos de maiores dimensões conhecidas. Infelizmente, nos mais ricos salões, aposentos internos, galerias e corredores do Palácio, atiram-se desastrada e precipitadamente, em acervo mais que desordenado, todos os móveis do Paço da Cidade e dali arrastados para veículos,

cujos condutores sem a menor direção tão sem cuidado os retiram quanto brutalmente os despejaram no Palácio da Boa Vista de encontro aos móveis e as paredes daquele Palácio. Entro propositalmente nestes pormenores, porque é indispensável que se desocupe o edifício, onde deve ser colocado 90 o novo museu, e se a intervenção mais enérgica do Governo Provisório, nada se fará tão cedo neste sentido, o que facilmente se depreende ao estado em que se acham aqueles móveis, e mais ainda da declaração formal do principal procurador do ex-imperador, recusando-se a tomar qualquer providência. Rogo-vos, pois que, atendendo a necessidade da mudança desta repartição para o edifício daquela Quinta, tomeis as providências precisas a fim de que pelo Ministro do Interior sejam removidos os móveis que aí se acham, impedindo qualquer instalação que me seja dado fazer de algumas coleções mal acomodadas já nesse Museu. Saúde e Fraternidade. O Diretor Geral Ladislau Netto. (BR MN MN. DR. CO, RA. 9/f.151-151v).²²

Por meio da obra de Netto e das de pesquisadores, com diferentes abordagens, que estudam a história do Museu Nacional (LOPES, 1997; DANTAS, 2007; GUALTIERI, 2008; KEULLER, 2008; DANTAS, 2012), foi possível identificar os diretores fundadores do acervo da instituição em sua antiga sede, e assim, com um levantamento desta relação dos ex-diretores²³ pensamos nos ocupantes do antigo aposento do imperador deposto.

Os diretores subsequentes contribuíram para com o acervo e o desenvolvimento no ensino e pesquisa. Entretanto, foi na gestão da primeira mulher diretora, a antropóloga Heloísa Alberto Torres em 1938, ano que inicia seu mandato frente a direção do Museu Nacional, a primeira medida foi “através do decreto nº 8689 de 16 de janeiro de 1945, o Museu foi incorporado à Universidade do Brasil e, pelo decreto nº 21.321 de 18 de julho de 1946, é classificada na qualidade de Instituição Nacional, com prerrogativas idênticas às das Escolas e Faculdades”. (CÂMARA DOS DEPUTADOS – LEGISLAÇÃO).

Durante a gestão de Torres, identificamos que a mesma instaurou um levantamento a respeito das antigas peças pertencentes ao Paço e a guarda desse material em um local protegido.

A partir da análise dos documentos da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional, identificamos que o acervo que pertenceu ao Paço de São Cristóvão, e que continuou na Sala do Corpo Diplomático mesmo após a transferência do Museu para a Quinta da Boa Vista, foi transferido para o gabinete da direção (antigo quarto do imperador, no terceiro pavimento) durante a gestão da ex-diretora professora Heloísa Alberto Torres (1938-1955). (DANTAS, 2007, p 154).

Segundo Dantas por inúmeras vezes, Heloisa confrontou a direção em benefício da memória e proteção dos objetos remanescentes da família real, reafirmando seu valor, “preservar na instituição os poucos objetos que ali restaram e que evocam a residência imperial. Aliás, raros foram os documentos do período republicano que fazem menção ao

²² Cabe ressaltar que esses códices não mais existem, pois todos os documentos existentes na Seção de Memória e Arquivo foram perdidos no incêndio.

²³ Ver anexos, Tabela 1. (Linha do tempo Diretores do Museu Nacional).

Museu Nacional como a antiga residência imperial”.

[...] sobre a procedência dos objetos que estavam guardados no cofre da direção e me auxiliou na identificação de fotografias existentes na Seção de Memória e Arquivo. O professor Becker havia esclarecido que, durante a gestão da professora Heloisa Alberto Torres (1938-1955), todos os objetos que a direção acreditava ter pertencido à antiga residência imperial foram guardados no cofre. Com o passar dos anos, os objetos foram perdendo o significado original até culminar no esquecimento da procedência das peças. (DANTAS, 2007, p. 32).

Em relação à utilização da sala durante o século XXI, em registro oral com Dantas, a historiadora salientou que a ex-diretora Heloisa Alberto Torres preocupou-se em unir os objetos e separar um dos aposentos de d. Pedro II como sala para utilização da direção. A historiadora acredita que os demais diretores tenham seguido a mesma utilização da sala (o que será ainda confirmado por meio dos relatórios e de outros documentos). Porém, o diretor paleontólogo Sérgio Alex Kugland de Azevedo, ao assumir a direção em (2002), cuidou de resguardar a mobília histórica²⁴, passou a sala para a utilização do vice-diretor Ruy Valka e substituiu a sua mobília como diretor por material moderno.

Atualmente, após a visita acadêmica do CBG ao Museu Nacional e, de forma inédita, ao gabinete do diretor, constatamos que na gestão de Alexander Kellner (posse em 2018), o diretor providenciou o retorno de todo o acervo (objetos e mobiliário) que pertenceu ao antigo Paço de São Cristóvão voltando o espaço a ter as características do antigo aposento de d. Pedro II. Em especial, os objetos que relacionam d. Pedro II às ciências, justificando a relevância da instituição científica estar sediada no palácio. A tarefa foi dada à historiadora Regina Dantas com o acompanhamento de Márcia Valéria, chefe do Laboratório Central de Conservação e Restauração do Museu Nacional.

A ambientação do espaço registrava que o antigo Paço de São Cristóvão guardada objetos que justificavam a residência como um espaço de ciências, o que facilitou os estudantes a visualizarem o gabinete do diretor da instituição científica. Entretanto, diante da suntuosidade e materialidade dos objetos expostos os alunos só conseguiam ver o ambiente como aposento de d. Pedro II.

²⁴ O material histórico foi transferido para duas seções: para a Seção de Memória e Arquivo/SEMEAR e para reserva técnica da Seção de Museologia/SEMU. (DANTAS, 2007).

5 VISITA MEDIADA EM DIFERENTES ASPECTOS DA MEMÓRIA

5.1 MEMÓRIA

Neste trabalho, a memória de cada indivíduo será destacada sobre a experiência de viver um pequeno momento, curtos fragmentos de segundos experimentados por alunos de biblioteconomia em uma noite. Para tal trajetória, utilizaremos as abordagens do filósofo Henri Bergson (1859-1941) e do sociólogo Michael Pollak (1848-1992), dois autores que abordam sobre a temática da memória.

Original do latim, a palavra memória significa “faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente. Significa também lembrança, reminiscência, recordação [...]”. (ANJOS *et al.*, 1995, p. 427 *apud* SILVA; RODRIGUES, 2014, p. 4890).

Memória é a habilidade de preservar e guardar um conhecimento adquirido do passado, “A memória permite a assimilação das experiências, da vivência do indivíduo, mesmo que inconscientemente, é portadora de emoções. Fornece informação para a compreensão do eu, sobre o passado”. (BERGSON 2006, p. 47 *apud* FELIPE 2019 p. 91). Na opinião de Pollak (1992), a memória é algo formado no coletivo e passa por constantes alterações. Dessa forma, em cada vivência do indivíduo, sua memória sofre alterações e está em permanente construção.

Os acontecimentos vividos pessoalmente são os fatos em que o indivíduo participa diretamente, pode ser uma dança, um nascimento de um filho. Os acontecimentos por tabela são do grupo, um acontecimento que talvez o indivíduo não tenha participado efetivamente, porém o mesmo pode significar algo para ele, como, por exemplo, as manifestações contra governos. Pessoas e personagens são as pessoas que vivenciam os fatos vividos pelos indivíduos, um exemplo seria manifestantes. Lugares da memória são onde os fatos ocorrem, como uma universidade, um hospital. O conjunto constituído por estes elementos formam, segundo Pollak (1992), a memória. (FELIPE 2019, p. 92).

Segundo Pollak (1992 *apud* Felipe, 2019 p.92) a construção da memória tem forte contribuição quando é identificada a partir de momentos impactantes da vida de forma individual ou coletiva, “parte da memória é herdada. Essa herança não se refere somente à vida física do indivíduo, parte das mutações que ocorrem ao longo da vida do indivíduo, mas, sobretudo, no presente momento.”

É preciso ressaltar que a memória não é somente a lembrança por si só dos fatos, mas, sim, o seu significado para o presente do indivíduo ou grupo, colaborando para a composição não só, do presente como também do futuro. E esse significado, dado as lembranças, pode influenciar o seu comportamento.

5.2 MEMÓRIA COLETIVA

É o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945) que cunhou o conceito de Memória Coletiva e nos apresentou, ao longo de suas obras, que a memória é um fenômeno iminentemente coletivo.

Halbwachs (1968, p. 25) salienta que além do registro da própria memória, o reforço em reafirmá-la sobre o olhar coletivo enobrece a certeza de sua exatidão, “[...] nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma experiência fosse recomeçada, não somente por uma pessoa, mas por várias”.

[...] apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. (HALBWACHS, 1968, p. 54).

Fundamentalmente lembrar de um episódio não é o suficiente para frisar memória, mas sim o significado que ela traz consigo, ajudando no proceder do indivíduo ou um grupo no presente e futuro. Halbwachs (1968 p.54) enaltece que o conhecimento adquirido através da memória coletiva é limitado, estar no mesmo país em determinada época de um acontecimento, não garante a participação do fato diretamente, mas por meio de um conhecimento já adquirido do contexto, torna-se possível aproveitar as narrativas e observações daqueles que vivenciaram, disseminando-o através de jornais, revistas, livros etc.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas não são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1968 p. 26).

Um determinado evento, para preencher tais lacunas, aproveita da memória de um determinado grupo, “Quando eu os invoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas é a única fonte daquilo que eu quero repetir”. Somente assim é possível tomar para si uma verdade sobre fatos que aconteceram antes do seu nascimento.

5.3 LUGARES DE MEMÓRIA

Com intuito de trazer esses conceitos de memória para enaltecer o objeto da presente investigação, a visita acadêmica em uma bicentenária instituição, neste momento a destacamos o Museu Nacional como um consagrado lugar de memória.

O conceito de **lugares de memória** foi cunhado pelo historiador Pierre Nora (1931-?) em sua obra *Les Lieux de Mémoire*, editado em 1984. Consiste em definir espaços, monumentos, documentos, eventos, enfim tudo que possua uma “vontade de memória”, uma intenção memorialística que garante sua identidade, pois sem esta “vontade” os lugares de memória são lugares de história.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...). (NORA 1993, p. 13).

Nessa perspectiva, nos apropriarmos do conceito de Nora, em que espaços materiais e imateriais cristalizam a memória de uma sociedade, se identificam ou se reconhecem constituindo sentido de identidade e de pertencimento e elegamos o Museu Nacional, guardião de acervos que abrangem a história da humanidade, fauna e flora por meio dos estudos das ciências naturais e antropológicas.

Entretanto, devido ao Museu Nacional estar sediado no antigo Paço de São Cristóvão (residência real e imperial, referência da história do Brasil), destacamos neste trabalho, uma de suas salas, o antigo Aposento de d. Pedro II e atual gabinete do diretor do Museu Nacional, como um emblemático lugar de memória. Trata-se de um espaço que detém as marcas da monarquia em suas paredes e onde foram colocados objetos que pertenceram aos moradores da antiga residência e que auxiliam a apresentar a relação da casa com o Museu Nacional por meio da história das ciências no Brasil.

A partir da identificação do espaço como lugar de memória, para complementar a análise dos alunos na visita mediada realizada no Aposento de d. Pedro II e atual gabinete do diretor do Museu Nacional, seus **registros fotográficos** tornaram-se ferramentas primordiais para a rememoração da visita.

5.3 FOTOGRAFIA COMO SUPORTE DA MEMÓRIA

Com intuito de provocar reminiscências da visita mediada ao Museu Nacional, em especial à visita ao gabinete do diretor da instituição, foi utilizado um dos suportes (a fotografia) para a reconstrução da experiência passada visando coletar a contribuição dos estudantes para o fortalecimento da memória do espaço.

Por intermédio da rememoração do passado, pode se ter um auxílio em relação a problemas futuros. A memória não é algo estático, pois é no presente que encontra significado. As lembranças estão em constante movimento, sobretudo, quando os suportes e ambientes entram em contato com o indivíduo. Com a memória, é permitido a reconstrução, renovação das convicções de hoje, com base em experiências passadas. (FELIPE, 2019, p. 91).

Ao conceituar fotografia, parte-se do princípio de que a tentativa de reconstruir informações sobre um fato ocorrido no passado, serve como prova de sua existência. Portanto, para a presente investigação, este suporte de memória – a fotografia - auxilia na reconstituição do espaço no olhar dos alunos.

a reconstituição – quer seja ela dirigida à investigação histórica ou à mera recordação pessoal – sempre implicará um processo de criação de realidades, posto que elaborada através das imagens mentais dos próprios receptores envolvidos (KOSSOY, p. 132).

Os registros dão suporte a construção histórica de personagens e lugares que não existem mais e que por meio da fotografia é possível reviver e partilhar sua existência.

[...] as lembranças, as memórias, e histórias que podem ser evocadas por meio da consulta do acervo fotográfico da instituição, além de configurarem-se como registros de informações, podem ser traduzidas em registros poéticos que evocam sentimentos, que trazem à tona momentos vividos pelos personagens nelas representadas. (FELIPE, 2019, p. 98):

Por intermédio da imagem é possível recriar explicações sobre fatos passados, ajudando no melhor entendimento sobre um momento ou objeto. A fotografia proporciona informações que permite o melhor entendimento dos eventos históricos (ou sociais) tornando-a mecanismo da memória individual, coletiva e social. “A fotografia toca cada um à sua maneira, é objeto de construção social, mediação cultural e fonte histórica”(FELIPE, 2019, p.93).

Finalmente, é a articulação entre as fotografias e as respostas dos questionários, que será possível conhecer e registrar o grau de envolvimento dos alunos na participação da visita mediada realizada há aproximadamente um ano atrás.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Como instrumento de coleta de dados, optamos pela utilização do **Questionário**. Segundo Gil (2008, p.128) é “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevados de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Além disso, foi utilizada a **Observação Participante**, que segundo o Infopedia: - trata-se de “uma técnica de investigação social, em que observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade”. Portanto, o Questionário teve como público os alunos inscritos no ano de 2018.1 na disciplina Fundamentos de Museologia, no curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na pauta de inscritos encontram-se 21 alunos, dos quais 5 cancelaram sua inscrição ao longo período. Do total de 16 restantes, 2 faltaram à visita mediada, totalizando o número de 14 pessoas. O questionário foi enviado por e-mail e por meio da lista de alunos inscritos na disciplina em 2018.1, foi possível contactar os participantes da visita técnica. O autor recebeu a pauta de inscritos no dia da visita para controlar o acesso ao ônibus cedido pelo Museu Nacional. Na escolha do perfil do aluno para participar do Questionário, foi utilizado o critério de participação da mediação no Museu, para um melhor entendimento das questões e para atingirmos os objetos do trabalho.

Em um primeiro momento, foi solicitado aos 14 alunos o envio de todas as fotografias tiradas durante a visita ao espaço **não aberto ao público** – o aposento de d. Pedro II ou gabinete do diretor do Museu. A chamada teve a duração de 1 semana com o intuito de proporcionar que todos pudessem rememorar o assunto para a participação do Questionário e, conseqüentemente, compor os Apêndices do trabalho. Como resposta, obteve-se 78% de participação dos alunos.

Cabe registrar que recebemos o total de 70 fotografias e 1 vídeo com uma média de 10 imagens por participantes. Dentre esse total de imagens, algumas não puderam ser aproveitadas pois estavam pouco nítidas ou repetidas (naturalmente, algumas imagens aparecem repetidas mesmo tendo sido tiradas por diferentes alunos).

Em um delicado exercício de seleção das imagens mais significativas do lugar, o autor separou o total de 12 fotografias para compor o Apêndice do presente trabalho.

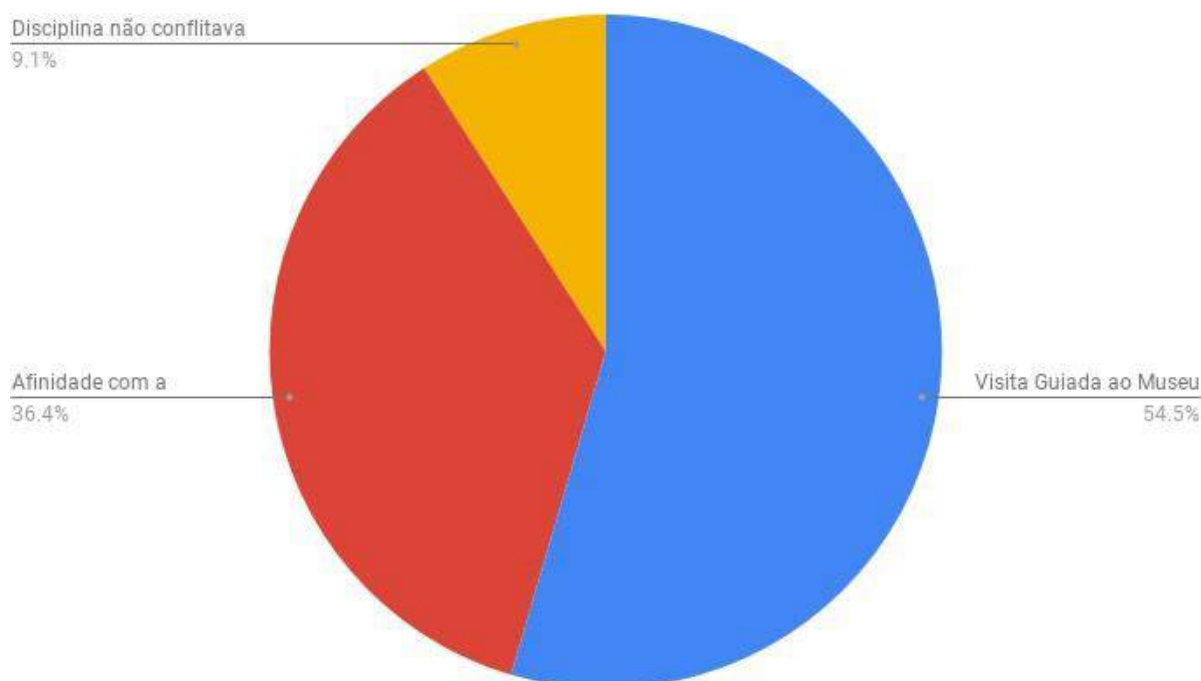
Consequentemente, conseguiu proporcionar a contribuição dos alunos por meio dos registros fotográficos à Instituição.

É neste momento que registramos um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que constatamos a proibição do registro fotográfico na sala, por ser um espaço não aberto à visitação, mesmo assim, os registros foram realizados diante da suntuosidade e reação dos alunos. Agora, no presente trabalho, os mesmos registros são solicitados aos alunos e saudados como relevantes suportes de memória sobre um espaço que não mais existe.

Portanto, neste capítulo, são apresentadas as análises dos dados obtidos nessa pesquisa, mediante a observação participante e o uso de questionário. Com base nas informações demonstradas abaixo, podemos compreender o processo de reconstrução de um lugar por meio da narrativa dos alunos. O questionário foi enviado aos 14 inscritos participantes da visita mediada ao Museu Nacional, e foram alcançados o mesmo 78% dos alunos que contribuíram com o envio dos registros fotográficos para a pesquisa.

Apresentaremos em formato de gráficos (elaborados pelo autor com o auxílio do software Google formulário), as duas perguntas formuladas para respostas objetivas com opções pré-apresentadas ou com a facilidade do **sim** ou **não**. Dessa forma, é proporcionada a fácil visualização das respostas.

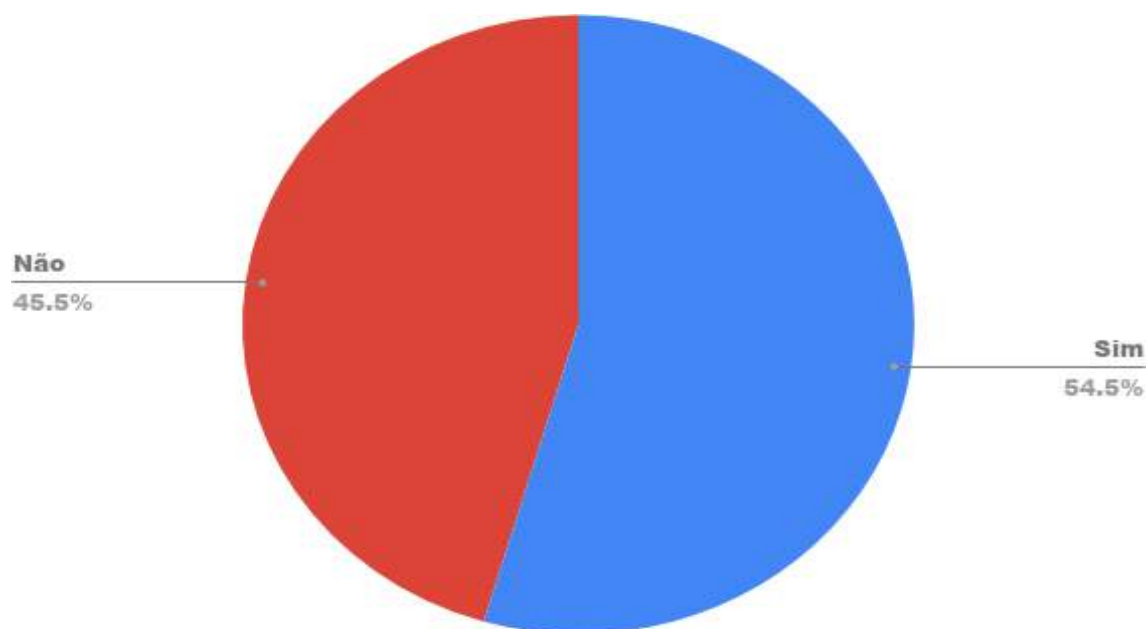
Gráfico 1- Por tratar de uma disciplina eletiva, qual foi seu interesse em cursar Fundamentos de Museologia?



Fonte: o autor

Conforme é observado o gráfico anterior, a visita mediada foi fator decisivo para a decisão de cursar a disciplina Fundamentos de Museologia, seguindo pela afinidade com a temática descrita na ementa, representa o número de 36,4%, por não conflitar com a grade de horários com as disciplinas obrigatórias, 9,1% afirma que esse foi o fator decisivo para cursar a disciplina.

Gráfico 2 - A visita mediada acontece desde 2007, ou seja, 11 anos após seu início a turma de 2018.1 acessou pela primeira vez o aposento de D. Pedro II, cômodo esse já resignificado como Gabinete do diretor, era do seu conhecimento esse fato?



Fonte: o autor

Dos 11 participantes do presente questionário, 54,5% conheciam o fato que o espaço estava sendo visitado pela primeira vez por alunos de graduação, para 45,5% é uma informação inédita, não era do seu conhecimento o ineditismo da visita ao aposento/ gabinete do diretor. O espaço era conhecido somente por servidores, terceirizados e autoridades que iam ao gabinete na ocasião de participação de reunião com o diretor da instituição.

Pergunta 3 - O Questionário foi elaborado em abril de 2019, 11 meses após a visita mediada, você consegue visualizar o cômodo?

- Todos os participantes afirmaram que possuíam lembranças do cômodo mencionado, e não necessitavam de fotografia para reconhecê-lo.

Pergunta 4 - Pensando ainda na questão anterior, em caso afirmativo, a primeira coisa que lembro do espaço é ...?

“Os detalhes das paredes, a iluminação, o som dos passos no chão de madeira, ficaram gravados em minha memória.”

- Dois alunos relatam a mesma impressão “ao adentrar o cômodo, lembro do cofre e seu enorme tamanho, mostrando tamanha imponência.”

- “O que mais me chamou atenção foi o lustre pendurado no teto, e seus ricos detalhes, além de seu tamanho e seu brilho.”

- Quatro alunos registram os móveis no seguinte aspecto, “Recordo dos objetos (vasos) sobre a mobília, o tamanho da mesa, e sua conservação e brilho”;

“O tamanho do quarto era impressionante, as formas sobre a parede em dourado, simples e lindo.”

- Dois alunos mencionam os vasos, “Lembro do vaso azul com a foto de d. Pedro II...”.

Pergunta 5 - Você conseguiria expressar de forma sucinta suas impressões quando entrou no aposento de D. Pedro II (Gabinete do diretor)?

- a) 1. Foi maravilhoso poder ter tido acesso à essa área tão restrita. Me lembro dos objetos de valor, o busto de d. Pedro I, os detalhes no teto nas pinturas dos cantos, o lustre, o cofre, e alguns detalhes.
- b) 2. A primeira coisa que lembro é do cofre, o lugar era muito grande, com um teto muito alto, outras coisas do cômodo, pelo tempo, me parecem confusas na lembrança.
- c) 3. Foi muito marcante o tamanho do lugar, um lustre muito luxuoso no teto, inesquecível.
- d) 4. Lembro de ter achado muito luxuoso. Os móveis, o vaso de porcelana, o espelho... tudo muito imponente. Fiquei pensando se muitas decisões importantes sobre o Brasil foram tomadas ali.
- e) 5. Como se estivesse voltando no tempo porque comecei a imaginar o tudo que aconteceu naquele lugar. Foi incrível, incrível.
- f) 6. O gabinete possuía um relógio de madeira, um vaso de cerâmica prateada e azul com

detalhes desenhados, um lustre de cristal e detalhes em dourado nas paredes.

- g) 7. Sensação de surpresa e espanto pela conservação de objetos tão preciosos para a história e memória do país.
- h) 8. De deslumbro com todos os pertences de d. Pedro II. Como o cofre, lustre e outros pertences!
- i) 9. Voltando no tempo.
- j) 10. Lugar incrível, também fiquei impressionada com as infiltrações e falta de obras causadas pela falta de verba.
- k) 11. Além de me impressionar com o tamanho do quarto, também me encantou observar os objetos da época que estavam no local, se não me engano possuíam o brasão da família real, achei muito interessante conhecer a maneira que se vivia naquela época através de seus objetos.

Constata-se, com a análise dos dados, que a experiência foi marcante além das lembranças do que estava sobre a guarda da direção do Museu. Conseguimos identificar detalhes marcantes na descrição do entrevistado, como a lembrança dos passos sobre o assoalho, a riqueza na descrição dos objetos e móveis que compõem o espaço mencionados na pesquisa

Destacamos, que todos os participantes afirmaram possuir lembranças dos diferentes objetos mencionados, e não necessitavam de fotografia para reconhecê-lo. Portanto, as respostas trazem consigo não só a lembrança da imagem, mas toda experiência vivida.

A partir da participação dos alunos que estavam presentes na visita mediada é possível afirmar que, partindo de 11 depoimentos é possível identificar detalhes de um lugar de memória que não pode cair no esquecimento e merece este registro para gerações futuras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do trabalho, buscou-se apresentar o objeto de pesquisa, o aposento de d. Pedro II/ Gabinete da direção, no acesso inédito realizado pelos alunos da graduação em Biblioteconomia. Diante do espaço não mais existir, o autor, com intuito de preservar a memória da sala que mais despertou sua atenção, idealizou a presente investigação como monografia de fim de curso. Nessa perspectiva, a história do palácio, a dos seus aposentos e a utilização do espaço por parte da instituição científica foi elevada para destacar a sala que estava registrada no inconsciente dos alunos.

Na pesquisa, foi possível pensar nos conceitos de Memória, Memória Coletiva, lugares de Memória e posteriormente, apresentar a fotografia como ferramenta da memória para o exercício de coleta das imagens feitas pelos alunos de biblioteconomia que visitaram o gabinete da direção do museu no ano de 2018. Assim, os estudantes registraram o espaço, descreveram suas experiências, testemunhos dos objetos e arquitetura visualizados por onze dos inscritos na disciplina Fundamentos de Museologia, visando contribuir para o registro da memória institucional.

Por meio dos objetos, analisando as respostas dos participantes no espaço visitado, ficou claro que os alunos despertaram maior interesse no ambiente como **aposento de d. Pedro II**, devido à suntuosidade da sala, seus apliques nas paredes, os objetos do cotidiano e os que relacionavam o imperador às ciências do Brasil no século XIX. Portanto, é possível um espaço administrativo conviver com um espaço de referência histórica.

Constata-se que a atividade da visita mediada relacionada ao ensino-aprendizagem reforçou os aspectos de um espaço. Os registros dos participantes tornaram-se elementos para que se tenha acesso a esse passado que aparecia no discurso da instituição sobre sua própria história.

Finalmente, pode-se sugerir que a resignificação do espaço de um dos **aposentos de d. Pedro II** como *gabinete do diretor* é uma estratégia utilizada por alguns dos diretores do Museu Nacional devido à suntuosidade e nobreza que o local e seus objetos históricos exercem como um lugar de memória.

Em dois de setembro de 2018, quase três meses após a visita, um incêndio catastrófico destruiu cerca de 90% do acervo. A partir de então, o acervo do palácio está sendo resgatado, pois a comunidade do Museu está determinada em reconstruí-lo, portanto todo e qualquer registro poderá contribuir para esta nova fase da instituição. Eis nossa contribuição.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio de. **Casa de Pensão** (1884). São Paulo: Editora Atica, 1960.
- BARROSO, Gustavo. **O Quarto Império**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção: a explicação histórica dos quadros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BIENE, Maria Paula Van. **O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana**. Rio de Janeiro, v. 1, f. 357. 317 p Tese (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2013.
- BR MN MN. DR. CO, RA. 10/f. 78v-79. Relatório do Movimento Administrativo e Científico do Museu Nacional durante o ano de 1892, apresentado pelo diretor interino Amaro Ferreira as Neves Armond.
- BURDEN, Ernest. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Tradução Alexandre Silva Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS – LEGISLAÇÃO. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-21321-18-junho-1946-326230-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: abril/2019.
- CARVALHO, José Cândido de Melo. Relatório Anual de 1956. **Publicações Avulsas do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 19, 1956.
- CHAGAS, Mário de Souza, SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. A vida social e política dos objetos de um museu. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 195-222, 1940.
- CHAPOUTHIER, Georges. Registros evolutivos. **Viver Mente & Cérebro**, São Paulo, n. 2, p. 8-13, jul. 2006.
- DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional**. Rio de Janeiro Dissertação (Programa de Pós-Graduação em memória Social) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2007.
- DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris**. Rio de Janeiro. Tese (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2012.
- FELIPE, Carla Beatriz Marques; PINHO, Fabio Assis. Fotografia como dispositivo da Memória Institucional. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 5, n. 1, p. 89-101, 2018.
- FRANGUAS, A.B.F.; MARTINS, T.C. O habitus e o hábito de D. Pedro II: novos olhares

- sobre o diário do imperador. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26. 2011. XXVI. ed. **Anais do Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, 2011. 1-15 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 5ed. – São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 6ed. – São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Ricarte Linhares. **Proposta de restauração e adaptação do Paço de São Cristóvão e do Museu Nacional – UFRJ**. São Paulo: 2006. Monografia (Especialização em Preservação e Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico) - Universidade Católica de Santos.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1990.
- GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus. 1870-1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939)**. São Paulo: 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo; Ática, 1989.
- _____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- KHATLAB, Roberto. **Mahjar: saga libanesa no Brasil**. Líbano: Mokhtarat Zalka, 2002.
- LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembranças em Maurice Halbwachs. **Revista Linguasagem**. São Carlos, SP, v. 18, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.
- LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1942.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.
- NETTO, Ladislau. **Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.
- NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das, MACHADO, Humberto Fernandes. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OBERACKER Jr., Carlos H. **A Imperatriz, sua vida e sua Época. Ensaio de uma biografia.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973.

PATERNOSTRO, Suzana. **Catálogo do acervo histórico e artístico do Museu Nacional.** Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1989. (datilo.).

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RELATÓRIO MINISTERIAL DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES, 1891, p. 54.

RÉMOND, René. Uma História Presente. In: **Por uma história política.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 13-36.

ROSSI, Paolo. Ricordare e dimenticare./ trad. por Icléia Thiesen Magalhães Costa e Alejandra Saladino. In:_____. **Il passato, la memória, l'oblio: sei saggi di storia della idee.** Bologna: Il Mulino, 1991.

SANTOS, Francisco Marques. O leilão do Paço Imperial. Anuário do Museu Imperial, Petrópolis, v. 1, p. 151-316,1940.

SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura.** Rio de Janeiro: IAB, 1981.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 maio 2019.

SCHWARCZ, Lilia. **As barbas do imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHWARCZ, Lilia. **As barbas do imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; DANTAS, Regina. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 46, p. 123-164, 2008

SILVA, Paulo Vinícius Aprígio da Silva. **Nas páginas o que está escrito? O Archivos do Museu Nacional e a promoção das ciências no oitocentos.** Rio de Janeiro, 2012, Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Técnicas e Epistemologia/HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Paulo Vinicius Aprígio da Silva. **No teatro de Marianne: o Museu Nacional, as Ciências e o Império.** Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Rodrigues, 2014.

SODRÉ, Alcindo. **Abrindo um cofre: cartas de D. Pedro II a Condessa de Barral**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1956.

THIERRY, FRÈRES. **Améliorations progressives du Palais de St. Christophe**: (Quinta de Boa Vista); depuis 1808, jusq'en 1831. Paris, França: Firmin Didot Frères, 1839. Paris, França: Firmin Didot Frères, 1839. litografia. Dimensões: col, 29,1 x 23cm em f. 52,6 x 34,6. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=18186. Acesso em: 18 nov. 2018.

APÊNDICE A – Os alunos passando para a área restrita do museu (escadaria do 3º andar)



Fonte: Alunos da Biblioteconomia

APÊNDICE B – Paredes do gabinete do diretor

Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE C – Detalhe da parede

Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE D - Mesa de marchetaria (arte muçulmana), Vaso de d. Pedro II em idade avançada



Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE E - Verso do vaso e detalhes na parede



Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE F– Vaso Sèvres, relógio do meio-dia, relógio de sol sobre o consolo do século XIX (e a turma refletida no espelho)



Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE G – Cofre da família imperial, único objeto original no espaço



Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE H – Detalhes da parede e trono libanês

Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE I- Busto de d. Pedro I

Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE J - Lustre

Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE K- Vista da janela do 3º andar a caminho do gabinete do diretor



Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE L - Alunos de Biblioteconomia ao adentrar no aposento de d. Pedro II /
(Gabinete do Diretor)



Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE M- Alunos de biblioteconomia contemplando o espaço em diferentes ângulos, Regina Dantas explicando sobre as marcas nas paredes



Fonte: Alunos de Biblioteconomia

APÊNDICE N- Questionário

Questionário Visita Técnica Museu Nacional 2018.1.

1. Por tratar de uma disciplina eletiva, qual foi seu interesse em cursar Fundamentos de Museologia?

- Disciplina não conflitava com a grade do curso.
- Afinidade com a temática.
- Visita Guiada ao Museu Nacional descrita na ementa.
- Nenhuma das alternativas acima.

2. A visita guiada acontece desde 2007, ou seja, 11 anos após seu início a turma de 2018.1 acessou pela primeira vez o aposento de D. Pedro II cômodo esse já ressignificado como Gabinete do diretor, era do seu conhecimento esse fato?

- Sim
- Não

3. Questionário elaborado em abril de 2019, 11 meses após a visita, você consegue visualizar o cômodo?

Sim, eu consigo visualizar o espaço em minhas lembranças e a primeira coisa que recordo...

Não, eu não tenho certeza se minha lembrança sem o auxílio de uma imagem pertença a tal espaço!

4. Pensando ainda na questão anterior, em caso afirmativo, a primeira coisa que lembro do espaço é ...?

5. Você conseguiria expressar de forma sucinta suas impressões quando entrou no aposento de D. Pedro II (Gabinete do diretor)?

Fonte: Google Formulário

Anexo 1- Tabela dos Diretores Museu Nacional

Diretor	Ano
Frei José Batista da Costa Azevedo	(1818-1822).
João de Deus e Mattos	(1822-1823)
João da Silveira Caldeira	(1823-1827)
Frei Custódio Alves Serrão	(1828-1847)
João de Deus e Mattos	(interino, 1835-1837)
Emílio Joaquim da Silva Maia	(interino, 1845-1846 e 1846-1847)
Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui	(1847-1866)
Francisco Freire Allemão	(1866-1874)
Ladislau de Souza Mello e Netto	(interino, 1870-1875)
Ladislau de Souza Mello e Netto	(1875 - 1892)
Amaro Ferreira das Neves Armond	(interino, 1892-1893)
Domingos José Freire Junior	(interino, 1893-1895)
João Baptista de Lacerda	(1895-1915)
Bruno Álvares da Silva Lobo	(1915-1922)
Edgar Roquette Pinto	(1927- 1935)
Alberto Betim Paes Leme	(1935-1937)
Heloísa Alberto Torres	(1938-1955)
José Cândido de Mello Carvalho	(1955-1961)
Newton Dias dos Santos	(1961-1964)
Luiz de Castro Faria	(1964-1967)
José Lacerda de Araújo Feio	(1967-1971)
Dalcy de Oliveira Albuquerque	(1972-1976)
Luiz Emygdio de Mello Filho	(1976-1980)
Leda Dau	(1980-1982 - Pró-Tempore)
José Henrique Millan	(1983-1985)
Leda Dau	(1986-1989)
Arnaldo Campos dos Santos Coelho	(1990-1993)
Janira Martins Costa	(1994-1997)
Edgar Roquette Pinto	(1927- 1935)
Luiz Fernando Dias Duarte	(1998-2001)
Sérgio Alex Kugland de Azevedo	(2002- 2010)
Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho	(2010-2018)
Alexander Kellner	(2018-?)